

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

**EUNICE BATISTA LAROQUE**

**COMUNIDADE SURDA CMET PAULO FREIRE, PORTO ALEGRE/RS:  
significâncias e significados nas interrelações culturais**

Porto Alegre  
2012

**Eunice Batista Laroque**

**COMUNIDADE SURDA CMET PAULO FREIRE, PORTO ALEGRE/RS:  
significâncias e significados nas interrelações culturais**

Trabalho de Conclusão de Curso,  
apresentado como requisito à obtenção ao  
título de bacharel em Museologia pela  
Faculdade de Biblioteconomia e  
Comunicação da Universidade Federal do Rio  
Grande do Sul.

**Orientadora:** Profa. Dra. Jeniffer Cuty  
**Coorientadora:** Profa. Dra. Adriana da Silva  
Thoma

Porto Alegre  
2012

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

Reitor: Prof. Dr. Carlos Alexandre Netto

Vice Reitor: Prof. Dr. Rui Vicente Opperman

**FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA e COMUNICAÇÃO**

Diretora: Profa. Dra. Regina Helena Van der Laan

**DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO**

Chefe: Profa. Dra. Ana Maria Mielniczuk de Moura

Chefe- Substituta: Profa. Dra. Sonia Caregnato

**GRADUAÇÃO DO CURSO DE MUSEOLOGIA**

Coordenadora: Profa. Dra. Lizete Dias de Oliveira

Coordenadora- Substituta: Profa. Dra. Zita Rosane Possamai

**CIP - Catalogação na Publicação**

Laroque, Eunice Batista

Comunidade surda CMET Paulo Freire, Porto Alegre/RS : significâncias e significados nas interrelações culturais / Eunice Batista Laroque. -- 2012.

70 f.

Orientadora: Jeniffer Alves Cuty.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Curso de Museologia, Porto Alegre, BR-RS, 2012.

1. Acessibilidade. 2. Inclusão social. 3. Cultura surda. I. Cuty, Jeniffer Alves, orient. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação  
Rua: Ramiro Barcelos, n. 2705- Bairro Santana  
CEP 90035-007- Porto Alegre- Rs  
Fone: (51) 3308-5067  
Fax: (51) 3308-5435  
Email: fabico@ufrgs.br

**Eunice Batista Laroque**

**Comunidade Surda CMET Paulo Freire, Porto Alegre/RS: Significâncias e significados nas interrelações culturais**

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Museologia, do Curso de Graduação em Museologia pela Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Aprovada pela Banca Examinadora em \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2012.

Banca Examinadora:

---

Prof. Dr. Ronaldo de Oliveira Corrêa (UFPR)

---

Profa. Ana Carolina Gelmini de Faria (UFRGS)

---

Profa. Dra. Jeniffer Cuty (orientadora - UFRGS)

---

Profa. Dra. Adriana da Silva Thoma (coorientadora - UFRGS)

## **AGRADECIMENTOS**

À minha família que me deu toda estrutura para que eu pudesse aceitar os desafios, superar os obstáculos, visualizando o futuro melhor.

Aos professores, colegas e amigos que conquistei nestes anos de faculdade.

Ao Jorge Fonseca, que teve toda paciência compreendendo quando ficava sozinho aos fins de semana, sabendo me apoiar em todos os momentos.

À Comunidade Escolar CMET Paulo Freire, pois sem eles esta vivência não teria sentido.

À minha orientadora Profa. Dra. Jeniffer Cuty e a todos que de alguma forma, compartilharam comigo este momento.

**MUITO OBRIGADA!**

## RESUMO

O processo de construção deste trabalho representa o desejo de compreender e de observar *in loco* a significação do processo de como os Surdos da “Comunidade CMET Paulo Freire” se apropriam frente à experiência de visitação e participação em eventos a equipamentos culturais em Porto Alegre. Compreender como os Surdos, que não são bilíngues, entendem e decodificam os eventos culturais pensados a partir de uma perspectiva ouvintista e oralista, é o objetivo, visto que a Museologia tem a preocupação em articular sua prática em um contexto intercultural e participativo, contemplando a multiplicidade cultural em narrativas de acessibilidade e inclusão. As saídas de estudos aos equipamentos de cultura foram registradas em fotografias com a análise de Grupo Focal procurando compreender a Surdez, e por sua vez, a Cultura Surda através de um grupo de Surdos denominados, neste trabalho, como “Comunidade Surda CMET Paulo Freire”. Nesta perspectiva, busquei os Estudos Surdos, suas referências e conceitos onde o Povo Surdo revela uma cultura peculiar construindo políticas para manter uma identidade longe dos discursos da anormalidade e da deficiência. Com isso, o entendimento sobre a Cultura Surda vem agregar conhecimento e contribuir para que os Museus e os equipamentos de cultura sejam mais acessíveis nas esferas física, intelectual, cognitiva e atitudinal.

**Palavras-chave:** Museologia. Acessibilidade. Inclusão. Cultura Surda.

## ABSTRACT

The development process of this work represents a wish to understand and observe *in loco* the meaning process of how Deaf from “CMET Paulo Freire community” take ownership when facing the experience of visiting and participating at cultural events in Porto Alegre. Understand how the Deaf, who are not bilingual, assimilate and decode the cultural events which are conceived from the speakers and listeners point of view, is the goal, since Museology is concerned about articulating its practice to an intercultural and participatory context, covering the cultural multiplicity related to accessibility and inclusion narratives. The fieldwork at the cultural equipments have been registered using Photography and by the analysis of the focus group attempting to comprehend the deafness as well as the deaf culture through a group of deaf people called, in this work, “CMET Paulo Freire Deaf Community”. On this perspective, I made use of the Deaf Studies, their references and concepts in which the deaf people unveils a unique culture, building politics in order to keep their speeches identity away from the abnormality and disability. With this pointed, the understanding about Deaf Culture comes to add knowledge and to contribute to Museums and cultural equipments become more accessible in the physical, intellectual, cognitive and attitudinal contexts.

**Keywords:** Museology, Accessibility, Inclusion, Deaf Culture.

## LISTA DE FOTOGRAFIAS

<b>FOTO 1:</b> Plenária do OP, em 1996.....	19
<b>FOTO 2:</b> Assembléia do Orçamento Participativo, em 1996.....	19
<b>FOTO 3:</b> Plenária do Orçamento Participativo, 1996.....	20
<b>FOTO 4:</b> Professoras e alunos, em 1998.....	20
<b>FOTO 5:</b> Reunião para discussão do regimento em 1998.....	20
<b>FOTO 6:</b> Professora Liliane Giordani.....	20
<b>FOTO 7:</b> Primeira Formatura dos Surdos.....	20
<b>FOTO 8:</b> Preparação para a Caminhada Cívica, em 1999.....	21
<b>FOTO 9:</b> Caminhada cívica, em 1999.....	21
<b>FOTO 10:</b> Grupo de Professores no Orçamento Participativo.....	21
<b>FOTO 11:</b> Primeira turma T4 com a Profª. Carmem Gemelli.....	22
<b>FOTO 12:</b> Profª. Thaís Fernandes Monteiro.....	22
<b>FOTO 13:</b> Professores Elisa, Wilson e Carmem.....	23
<b>FOTO 14:</b> A Profª. Rosa Vasconcelos.....	23
<b>FOTO 15:</b> Profº. Luis Fenando Tavares.....	23
<b>FOTO 16:</b> Profª. Sandra Lima.....	23
<b>FOTO 17:</b> Profª. Márcia Buede Alves.....	24
<b>FOTO 18:</b> Professoras Rossana Sacco e Rosa Vasconcelos.....	24
<b>FOTO 19:</b> Professoras Karin eThaís, e o aluno Osmar.....	24
<b>FOTO 20:</b> Profª. Rosane Dorigon.....	24
<b>FOTO 21:</b> Dia do Surdo e Semana do CMET 2002.....	25
<b>FOTO 22:</b> Confraternização, em 2008.....	25
<b>FOTO 23:</b> Confraternização de professores e alunos em 2008.....	25
<b>FOTO 24:</b> Professora Marlei Tarragó, em 2002.....	26
<b>FOTO 25:</b> Professores no Dia do Surdo em 2003.....	26
<b>FOTO 26:</b> Formatura da turma de T6 em 2003.....	26
<b>FOTO 27:</b> Cerimônia de formatura em 2003, Profª. Lúcia Barth Ckless.....	26
<b>FOTO 28:</b> Dia do Surdo, em 2004.....	26
<b>FOTO 29:</b> Grupo de alunos, em 2004.....	26
<b>FOTO 30:</b> Dia dos PcDs, em 2005.....	27
<b>FOTO 31:</b> Alunos e professores, em 2005.....	27
<b>FOTO 32:</b> Em frente a Assembléia Legislativa (PPDs), em 2005.....	27

<b>FOTO 33:</b> Comemoração do Dia do Surdo, em 2005.....	27
<b>FOTO 34:</b> Professor Paulo, em 2006.....	28
<b>FOTO 35:</b> Professora Adriana Thoma, em 2006.....	28
<b>FOTO 36:</b> Professor Gilberto Maia.....	28
<b>FOTO 37:</b> Prof <sup>a</sup> . Luciana Felix, em 2009.....	28
<b>FOTO 38:</b> Passeio do Grupo de Surdos no ônibus Turismo, em 2006.....	29
<b>FOTO 39:</b> A Prof <sup>a</sup> Ana Luiza Paganelli Caldas em passeio a Usina do Gasômetro.....	29
<b>FOTO 40:</b> A prof <sup>a</sup> . Fabiane Saidellis em passeio cultural com os alunos.....	29
<b>FOTO 41:</b> Professoras Ana Luiza Paganelli Caldas, Fabiane Saidelles, Rosane Dorigon, Carmem Gemelli com a aluna Dona Alda. Dia do Surdo em 2011.....	30
<b>FOTO 42:</b> Seminário Estadual em Defesa da Escola Bilíngue para Surdos no Plano Nacional de Educação, que ocorreu na sexta-feira (9/9/2012) na Câmara Municipal de Porto Alegre.....	31
<b>FOTO 43:</b> A preparação dos alunos e professores no CMET, Assembléia Legislativa, 2012.....	31
<b>FOTO 44:</b> As professoras do CMET juntamente com os alunos na Mobilização por uma Escola Bilíngue na Assembléia Legislativa, em 2012.....	32
<b>FOTO 45:</b> Na Plenária, a Comunidade Surda CMET Paulo Freire se fez presente, em 2012.....	32
<b>FOTO 46:</b> Assembléia Legislativa, junho de 2012.....	32
<b>FOTO 47:</b> A Comunidade Surda CMET Paulo Freire, Assembléia Legislativa, em 2012.....	33
<b>FOTO 48:</b> Dia do Surdo, 2012.....	35
<b>FOTO 49:</b> “Hora do conto”, Projeto da Biblioteca do CMET com a Prof <sup>a</sup> Maria Cristina Simioni, Outubro/2012.....	33
<b>FOTO 50:</b> O início do trabalho em grupo em sala de aula, em set/2012.....	49
<b>FOTO 51:</b> O grupo de alunos separando o material, em out/2012.....	49
<b>FOTO 52:</b> Dona Ida, aluna do CMET emocionada ao ganhar flores do Palhaço.....	53
<b>FOTO 53:</b> A Professora Carmem Gemelli inserida no trabalho com os alunos, em out/2012.....	55
<b>FOTO 54:</b> A organização das narrativas, em out/2012.....	56

<b>FOTO 55:</b> O aluno evidencia seus colegas e amigos na ida ao passeio no ônibus de linha, em out/2012.....	56
<b>FOTOS 56, 57, 58, 59, 60 e 61 (Narrativa fotográfica I)</b> .....	57
<b>FOTOS 62, 63, 64, 65, 66 e 67 (Narrativa fotográfica II)</b> .....	57
<b>FOTOS 68, 69, 70, 71, 72 e 73 (Narrativa fotográfica III)</b> .....	60
<b>FOTO 74:</b> O intérprete sinalizando as músicas da peça, em julho/2012.....	61
<b>FOTO 75:</b> Peça teatral “Casamento na Roça”, em julho/2012.....	62
<b>FOTO 76:</b> O aluno Jorge se emociona após apresentação teatral, em julho/2012.....	63
<b>FOTO 77:</b> O percurso da exposição museal “Para Todos”, em maio/2012.....	63
<b>FOTO 78:</b> Professora Marlei Tarragô sinalizando, em maio/2012.....	63
<b>FOTO 79:</b> Alunos no cinema.....	64

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO: SINALIZANDO REFERENCIAIS DE ESTUDO</b> .....	11
<b>2 CMET PAULO FREIRE: O ESPAÇO DE CONSTRUÇÃO DE SABERES</b> .....	13
2.1 “Comunidade Surda CMET Paulo Freire”: a trajetória .....	18
2.2 Pessoas, Momentos e Acontecimentos .....	19
<b>3 OLHANDO PARA A CULTURA SURDA</b> .....	34
3.1 Artefatos da Cultura Surda .....	39
3.2 Acessibilidade e Inclusão: por uma Museologia Inclusiva .....	42
<b>4 FOTOGRAFANDO POSSIBILIDADES DE LEITURA E DE FAZER RECORTES</b> .....	48
4.1 Exposição Museal: “Para Todos: O Movimento das Pessoas com Deficiência no Brasil” .....	51
4.2 Festa Junina CMET Paulo Freire: Teatro Surdo “Casamento na Roça” .....	51
4.3 10º Jogos dos Estudantes Surdos de Porto Alegre/ 2012 .....	52
4.4 Teatro de Rua: “La Perseguida”/ Teatro Vagamundo .....	52
4.5 Cinema: Filme “As Melhores Coisas do Mundo” na Usina do Gasômetro, Sala P.F. Gastal .....	53
4.6 Casa de Cultura Mário Quintana: Teatro “Cerimônia do Adeus” .....	54
<b>5 AS IMAGENS TRADUZIDAS POR PALAVRAS: O ÁLBUM</b> .....	54
<b>6 RECORTANDO OLHARES: SIGNIFICÂNCIAS, SIGNIFICADOS NAS INTERRELAÇÕES CULTURAIS</b> .....	66
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	70

## 1 INTRODUÇÃO: SINALIZANDO REFERENCIAIS DE ESTUDO

Trocar e redescobrir os diferentes modos de dialogar com as culturas foram à principal motivação que tive ao escolher o tema desta pesquisa. Falar de acessibilidade e inclusão sem referendar as culturas é transgredir nos avanços que a Museologia traz em suas discussões e sua base teórica no decorrer dos tempos. Foi no trabalho diário em uma escola da Rede Municipal de Porto Alegre que vi a possibilidade de enxergar uma parcela de população que nunca havia me detido. Propus um estágio curricular de Museologia no Centro Municipal de Educação dos Trabalhadores Paulo Freire (CMET), Escola de Ensino Fundamental que tem uma clientela plural, especial, mas meu olhar enxergou os Surdos como uma incógnita para quem vai trabalhar no segmento cultural.

Os Surdos têm cultura própria e para mim era muito difícil entender isso visto que a maioria dos Surdos são filhos de pais ouvintes. Por isso, no decorrer do corrente ano acompanhei os Surdos do CMET às saídas de estudos aos eventos culturais em Porto Alegre, registrando em Fotografias, por acreditar que elas possibilitariam inúmeras maneiras de olhar para o mundo. Foram momentos de seleção que se materializou numa visão sobre as coisas, colocando na imagem não só o enquadramento escolhido, mas, sim, toda a cultura, os valores e os sentimentos.

Saber como os Surdos, que não são bilíngues<sup>1</sup>, percebem os eventos culturais pensados a partir de uma perspectiva ouvintista<sup>2</sup> e oralista é um grande desafio. Surge aí, desta minha proposta de pesquisa, onde relaciono conhecimentos de Museologia frente à experiência de observar *in loco* como a “Comunidade Surda CMET Paulo Freire” compreende e decodifica as atividades culturais e os ambientes de cultura em Porto Alegre. Este é o objetivo geral desta pesquisa.

Minha motivação foi buscar novos olhares e significados para nortear meu caminho profissional como museóloga. Poderia estudar Cultura Negra, Cultura Indígena e muitas outras culturas, mas optei por estudar Cultura Surda que até

---

<sup>1</sup> É uma proposta de ensino usada por escolas, que considera a Língua de Sinais como a primeira língua para, depois, ensinar a segunda língua: o português, que pode ser na modalidade escrita ou oral e tem como ideologia a necessidade dos Surdos terem como primeiro contato, pessoas fluentes na língua de sinais.

<sup>2</sup> Ouvintismo: representação colonialista do ouvinte sobre o Surdo em todo os seus variados matizes e para todas as situações. Neologismo para descrever práticas colonialistas dos ouvintes que fazem que os Surdos sejam obrigados a narrar-se, julgar-se e pensar-se como se fossem ouvintes (SKLIAR, 1998b).

então era uma incógnita para mim. Diante destas questões percebi a importância de pensar uma práxis museológica mais inclusiva, capaz de construir conhecimentos nas relações interculturais. Neste trabalho penso a Museologia que vê o homem como seu objeto de estudo e que tem uma estreita relação com o seu território e sua comunidade.

A Museologia na atualidade tem a preocupação em articular a sua prática em um contexto intercultural e participativo, contemplando a multiplicidade cultural em narrativas de acessibilidade e inclusão. Nessa perspectiva, busco os Estudos Surdos, suas referências e seus conceitos nos quais o Povo Surdo revela uma cultura peculiar construindo políticas para manter uma identidade longe dos discursos da anormalidade e da deficiência.

Se o homem é um artefato do meio onde vive, os museus também são artefatos de provocações e questionamentos acerca da diversidade cultural do homem. Partindo deste pressuposto proponho uma discussão teórica onde procuro incluir narrativas pensadas em uma nova territorialidade de políticas sobre as práticas culturais a partir das diferenças e do seu reconhecimento.

Sem a pretensão de falar pelos Surdos e buscando alternativas de trocas de experiências, proponho escutar “as vozes” e desenvolver parcerias para articular novas formas de *enxergar* a Surdez e a Cultura Surda. Com isso, formulo o seguinte problema de pesquisa: **Que visão sobre as atividades culturais e os ambientes de cultura os Surdos da “Comunidade CMET Paulo Freire” têm, ao visitarem exposições museais, teatro, cinema e eventos esportivos? Que relação os Surdos estabelecem frente às diferentes linguagens desenvolvidas nos equipamentos de cultura?**

O trabalho tem por objetivo conhecer a realidade da Cultura Surda e suas peculiaridades através de uma pequena mostra vivenciada por um grupo de Surdos observado em diferentes atividades culturais. Para isso, contextualizo o espaço onde fiz minhas reflexões e onde pude ter o privilégio e conhecer o universo Surdo representado aqui por uma pequena Comunidade que as denomino “Comunidade Surda CMET Paulo Freire”.

## 2 CMET PAULO FREIRE: O ESPAÇO DE CONSTRUÇÃO DE SABERES

Meu enfoque de trabalho são os Sujeitos Surdos da Comunidade Escolar CMET Paulo Freire, porém é necessário compreender a proposta de educação da escola para que possamos entender como se formou a Comunidade Surda dentro do Centro. O CMET teve seu início em 1989, segundo informações do Projeto Político Pedagógico da Escola com quatro salas de aula funcionando em três turnos, nos altos do Mercado Público. Essa localização se justificava por ali existir turmas de alfabetização do antigo Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL) e depois da Fundação Educar. Os professores que lá trabalhavam tiveram sua vida funcional ligada a SMED. Havia, na época, da parte do poder público, a explícita intenção de que o município assumisse uma política pública de Educação de Jovens e Adultos (EJA) para a cidade e que garantisse de fato o direito constitucional a uma educação para todos independente da idade.

Quando, em 1990, o Mercado Público foi reformado, as turmas de Serviço de Educação de Jovens e Adultos (SEJA) que ali funcionavam perderam seu espaço. Ao contrário das turmas de EJA da Rede Municipal de Educação que lutavam para ter seu lugar garantido na escola, o CMET lutava pela conquista de um espaço. Naquela época, para que não morresse a experiência, alunos e professores acamparam na Prefeitura e, para resolver o problema, muitos espaços foram cedidos: salas no INSS (manhã e tarde, nos anos de 91, 92 e 93), Câmara de Vereadores (à noite, em 1991), salas na Cia União de Seguros (1991 a 1995), onde, além da comunidade de POA, havia funcionários desta companhia que não tinham escolaridade, Faculdade de Educação da UFRGS (depois das 20 horas, 1992 e 93) até o aluguel das salas na General Vitorino e o empréstimo das salas da Escola Municipal de Ensino Fundamental Porto Alegre (EPA) (ts Finais noite, 1995) e, depois, no prédio conquistado via Orçamento Participativo (OP) em 2000. Além das ex-turmas do Mercado, o CMET atuava na vila Pelin (zona sul), na Ilha dos Marinheiros, nos Centros Comunitários, nas Secretarias e Autarquias do município.

Nesse percurso também nasceu o nome do Centro. Primeiro com o nome de Centro Municipal de Educação de Jovens e Adultos (CMEJA), posteriormente Centro Municipal de Educação dos Trabalhadores Paulo Freire (CMET), devido à referência político-filosófica e à importância de uma educação que atendesse à necessidade da classe trabalhadora.

Historicamente o momento era de redemocratização do país: sindicatos assumiam uma identidade classista, apareceram novos movimentos sociais, como o Movimento dos Sem Terra (MST), o movimento dos indígenas, o das mulheres e tantos outros; os partidos políticos se multiplicaram (alguns nasceram dos movimentos sindicais, como o Partido dos Trabalhadores (PT), outros retornavam da clandestinidade, como o Partido Comunista Brasileiro (PCB); organizavam-se fóruns que discutiam princípios para as políticas públicas que respondessem às necessidades daquele momento histórico.

Dentre os vários fóruns, o fórum das doze administrações (consideradas do campo de esquerda política eleitas em 1988), coordenado pelo CEDI (Centro Ecumênico de Documentação e Informação), discutiu e delineou diretrizes para a implantação e consolidação de políticas públicas de EJA. É fundamental ressaltar que todo o trabalho teórico e prático de EJA contou com a efetiva participação dos professores e alunos. Com o subsídio do material do CEDI e a assessoria dos professores da UFRGS nas reuniões sistemáticas de quarta-feira, foi dado início ao movimento de ruptura curricular.

Em 1989, início da discussão do conceito de alfabetização, considerando as diretrizes para implantação e consolidação de EJA, o conceito de alfabetização da UNESCO (as quatro séries iniciais), a referência freireana e o construtivismo interacionista que levam em conta os diferentes tempos de aprendizagem da leitura e escrita, a reinvenção da cultura que rompe com a negatividade da cultura do silêncio, a “descolonização” das mentes. O CMET adotou como princípio:

Alfabetizar significa uma enorme mudança, uma vez que envolve toda uma história, toda uma explicação de vida e de si mesmo, de forma que o analfabeto precisa morrer para dar lugar ao alfabetizado (COMERLATO, 1998).

Já nos anos 1990 com a construção dos princípios políticos e pedagógicos do SEJA iniciou um movimento de organização curricular em seis etapas, estudos de todas as formas conhecidas de currículos: centro de interesses, temas geradores, complexo de Pistrak, conceitos; a interdisciplinaridade perpassava as discussões. Já em 1993 e 1994 partindo do estudo crítico, chegam ao conceito de totalidades com seis etapas, perfazendo todo o ensino fundamental, conforme se conhece até o momento.

Essa história, relatada em seu Projeto Político Pedagógico (PPP), contorna um desenho diferente em relação ao que conhecemos como escola: suas salas de aula continuaram se espalhando pela cidade, muitas vezes indo ao encontro das demandas educativas desses jovens e adultos. Identifica-se para além de um prédio, desafiando para que a escolarização de jovens e adultos possa funcionar em locais de trabalho, em vilas que não têm escolas, em cooperativas. Assim o CMET, ao mudar sua forma, muda seu conteúdo, marcando o lugar da escola como um novo jeito de ser, abrindo seus muros e portões para o diálogo aberto entre currículo e questões da vida dos jovens e adultos. A dimensão educativa desse espaço facilita que cheguem na escola aqueles que nunca tiveram acesso a ela ou ela foram excluídos. Por isso, em meados de 1998, a direção do CMET aceitou o desafio e acolheu um grupo inicial de alunos Surdos, juntamente com duas professoras especializadas nesta tarefa. Também nesta época, pessoas com deficiência visual começaram a procurar o CMET, possibilitando a criação de um serviço especializado para estes educandos.

Com a construção do Projeto Político Pedagógico, em 1998 e do Regimento do CMET é que o Centro assume o compromisso de desenvolver uma educação voltada para a classe trabalhadora. Neste momento, começara a formação de turmas de Surdos e em serviço de professores para o trabalho com LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais). A Educação de Surdos, no Centro, tentava se caracterizar em modalidade bilíngue aos alunos Surdos matriculados em classe especial e atendidos por professores especialistas e capacitados na Educação de Surdos com fluência em LIBRAS.

No entanto, havia uma luta pelos direitos inclusivos para que a proposta de educação bilíngue se concretizasse. A inclusão para o grupo que pensava a Educação de Surdos no CMET, neste tempo não se resumia em colocar alunos Surdos na sala de aula interagindo com um intérprete. Eles acreditavam que para colocar em prática a inclusão seria necessário considerar os fatores que envolvessem o respeito e atitudes aos espaços sociais. A educação bilíngüe é uma proposta de ensino usada por escolas e considera a língua de sinais como a primeira língua, para depois, ensinar a segunda língua: o português que pode ser na modalidade escrita ou oral e tem como ideologia a necessidade dos Surdos terem como primeiro contato, pessoas fluentes na língua de sinais.

A escola CMET Paulo Freire sediou seu espaço aos Surdos adultos mas o Movimento Surdo sempre pleiteava um espaço para que de fato e de direito se concretizasse essa escola bilíngue. A característica da clientela do EJA de Surdos mostra que sem haver a aprendizagem em Língua de Sinais (LS) na base escolar a Cultura Surda fica em segundo plano, sempre o aluno Surdo é pensado da perspectiva oralista. No entanto, se as escolas “ditas para alunos normais” fossem bilíngües, tanto surdas como ouvintistas, após algumas gerações poderíamos dizer que nossa sociedade estaria praticando a inclusão. Cabe aqui ressaltar que se formam dentro do CMET várias ilhas pedagógicas com seus setores diferenciados para atender as necessidades e peculiaridades da clientela. A Escola CMET Paulo Freire abarcava a diversidade, porém, no momento de planejar os professores de cada especialidade, juntavam-se aos seus pares.

No entanto, o CMET Paulo Freire adotou um Processo Pedagógico que referencia a concepção dialógica, assim, o conhecimento é visto como ação, reflexão crítica, curiosidade exigente, inquietação, incerteza. A Organização Curricular está fundada sobre três concepções fundamentais, respaldadas no Ideário da Educação Popular e do Construtivismo Interacionista: interdisciplinaridade, formação do senso crítico e o aluno como ser-presente. O ensino básico modalidade EJA do CMET organiza-se em nove Totalidades de Conhecimento, de forma que cada uma delas insere-se na seguinte, construindo, com isso, a articulação entre diversos conhecimentos, cada vez mais complexos, possibilitando a construção da autonomia moral e intelectual e uma maior percepção da realidade.

Neste sentido, a educação, o trabalho, a arte e a cultura contemplam uma dinâmica processual e permanente de ressignificação de práticas sociais numa perspectiva da reprodução ampliada da vida.

No campo das artes são contempladas variadas manifestações artístico-culturais, tendo em vista sua diversidade, proporcionando um leque de transversalizações através da vivência de oficinas musicais (canto coral, violão, flauta, percussão, composição, arranjo e conjuntos vocal e orquestral) que a Escola chama de “Espaço Múltiplo de Vivências Musicais”, como também, oficinas nas linguagens de teatro, artes visuais, dança e corporeidade (expressão corporal, yoga, reiki, alongamento...).

Tais espaços se inserem dentro de uma perspectiva transdisciplinar, tendo como objetivo proporcionar diversos benefícios, como a integração social,

desenvolvimento das qualidades de concentração, atenção, memória, coordenação motora, sensibilidade, criatividade, aprimoramento das funções relacionadas à aprendizagem cognitiva e emocional, expressividade, formação integral e desenvolvimento do senso de cidadania (responsabilidade, disciplina, solidariedade, autoestima, autodescoberta), apresentações artísticas e interação com diferentes plateias, bem como a organização pessoal por meio da expressão ética e estética.

Este currículo instiga à reinvenção da cultura, à redefinição das relações humanas no sentido de legitimar a realidade multifacetada dos jovens e adultos e de criar condições de inclusão social, o que implica na valorização dos saberes, na capacidade de inventar e produzir.

Com isso, o objetivo do CMET é formar personalidades autônomas, no domínio moral, com sujeitos emancipados e com opiniões próprias; a autonomia intelectual e moral, conforme os documentos analisados sobre o CMET, dar-se-á na troca entre educandos, professores, funcionários, comunidade em geral, constituindo o coletivo de trabalho, caracterizado pela alternância do trabalho subjetivo e do trabalho coletivo.

O currículo do CMET, denominado Educação Permanente ao Longo da Vida, contempla os princípios e a estrutura da EJA, e as Totalidades de Conhecimento que são fundamentadas na construção de conceitos, na educação inclusiva e na avaliação emancipatória.

O CMET atua com trabalhadores em geral e filhos destes: jovens (a partir de 15 anos), adultos, educandos com necessidades educacionais especiais e idosos. É importante, todavia, salientar que a presença de educandos com necessidades educacionais especiais não constitui e não o Centro enquanto Escola Especial. Em função dessa diversidade, a educação no Centro se caracteriza pelos espaços e tempos diferenciados de formação em todas as atividades.

É condição fundamental para o CMET Paulo Freire o conhecimento das diferenças, da diversidade dentro das diferenças e do enfoque participativo que se efetivará através do diálogo entre diferentes culturas e trajetórias, entre educador e educando, em que ambos são sujeitos do processo na construção coletiva de ações que viabilizem o trabalho com vínculo do direito à diferença com os conceitos construídos historicamente e os do educando com a vida cotidiana.

## 2.1 “Comunidade Surda CMET Paulo Freire”: a trajetória

A trajetória da Comunidade Surda do CMET Paulo Freire partiu da necessidade e reivindicação da própria Comunidade Surda, visto que alunos Surdos trabalhadores necessitavam começar sua escolaridade e, outros, dar continuidade a seus estudos, onde almejavam um espaço propício para sua língua e para sua cultura. Os Surdos do EJA são sujeitos que tardiamente buscaram a escolaridade e muitos entendem que a proposta pedagógica desenvolvida na escola é de suma importância para a construção do conhecimento enquanto grupo. Os alunos Surdos do Centro, na sua grande maioria, não pertencem a uma Comunidade Surda e nesses anos de escolaridade o grupo vem construindo identidade e se fez respeitar dentro do espaço do CMET Paulo Freire como “Comunidade Surda CMET Paulo Freire”.

Comunidade Surda, segundo os Estudos Surdos são aqueles que de uma maneira ou outra convivem e interagem com a Cultura Surda. O CMET Paulo Freire se constituiu de fato e de direito como uma Comunidade Surda Escolar, porém, uma escola única para Surdos atenderia as necessidades linguísticas tanto dos adultos quanto das crianças. Sabe-se que a interrelação de diferentes faixas etárias é benéfica para o sujeito Surdo, uma vez que a grande maioria dos Surdos são filhos de pais ouvintes, mais de 90% de Surdos têm pais ouvintes, o que os torna aprendizes tardios da língua materna (Libras). Os alunos que fazem parte da Comunidade Surda CMET Paulo Freire são jovens e adultos que estão no Ensino Fundamental com idade aproximada entre 16 anos a 80 anos. O grupo é bem diversificado, turmas pequenas, porém vão das totalidades iniciais até as finais.

Para compreender este processo de como se constituiu a Comunidade se faz necessário contar a história de como começaram as turmas de Surdos no CMET Paulo Freire, mas como eu não pertencia ao quadro funcional neste período recorri às colegas professoras e aos slides organizados pela professora Thaís Fernandes Monteiro, atual vice-diretora da Escola Municipal Salomão Watnick. Nesta narrativa, contemplo a equipe de professores, pois sem eles os movimentos e as lutas não aconteceriam. Pessoas que desenvolvem um papel fundamental como educadores e militantes da causa surda.

## 2.2 Pessoas, Momentos e Acontecimentos

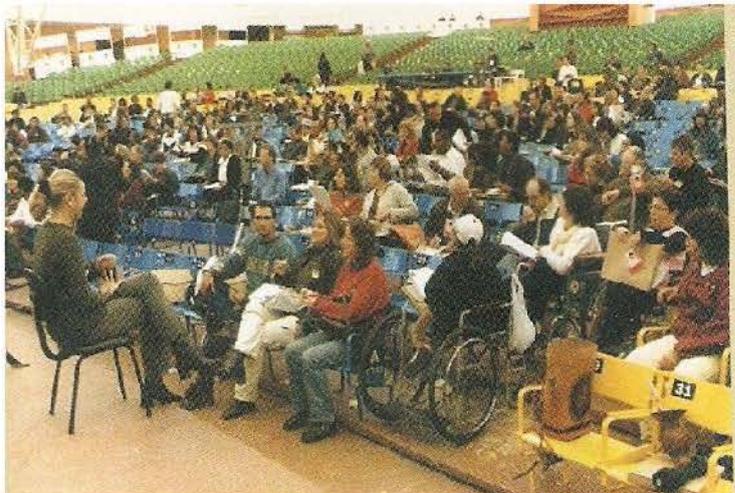
A professora Thaís Fernandes Monteiro conta que em 1996, através da FENEIS, em plenária do governo municipal, o Surdo Carlos Alberto Goes questiona a inexistência de uma escola pública municipal para Surdos em Porto Alegre (**Foto 1**).

**Foto 1** - Plenária do OP, em 1996.



Fonte: Acervo da Escola

**Foto 2** – Assembléia do Orçamento Participativo em 1996.



Fonte: Acervo da Escola

Neste movimento a Comunidade Surda participa das plenárias do Orçamento Participativo (OP) (**Fotos 2 e 3**) e com a parceria do NUPPES – Núcleo de Pesquisa em Políticas Públicas de Educação para Surdos, Carlos Alberto é eleito conselheiro.

A SMED, mantenedora da Educação de Ensino Fundamental Municipal, em 1997 procura o NUPPES para fazer um projeto junto à Educação Especial para atender os Surdos.

**Foto 3:** Plenária do Orçamento Participativo, 1996.



**Fonte:** Acervo da Escola

Em 1998, implementada a primeira turma de Surdos, com 15 alunos, sob a direção da professora Mara Regina Moreira. Como primeiras professoras Liliane Giordani e Lodenir Karnnop (**Fotos 4, 5, 6 e 7**).

**Foto 4** - Professoras e alunos, em 1998.



**Fonte:** Acervo da Escola

**FOTO 5** - Reunião para discussão do regimento em 1998.



**Fonte:** Acervo da Escola

**FOTO 6** - Professora Liliane Giordani.



**Fonte:** Acervo da Escola

**FOTO 7** - Primeira Formatura dos Surdos.



**Fonte:** Acervo da Escola.

Implantado no CMET um novo regimento contendo as turmas de Surdos e o trabalho começa a ser ampliado.

Com a vinda do professor Wilson Miranda, em 1999 o grupo começou a pensar na necessidade de intérprete de LIBRAS através do Conselho Escolar. Neste momento a Escola mobilizava-se em uma caminhada cívica, em setembro de 1999 (**Fotos 8 e 9**).

**FOTO 8** - Preparação para a Caminhada Cívica, em 1999.



Fonte: acervo da Escola.

**FOTO 9** - Caminhada cívica, em 1999.



Fonte: acervo da Escola.

**FOTO 10** - Grupo de Professores no Orçamento Participativo.



Fonte: acervo da Escola.

E mais uma vez a comunidade Surda luta, no O.P. (**Foto 11**) para ampliar as turmas de Surdos. A professora Carmem Gemelli inicia a Totalidade 3 e a primeira turma de T4 (**Foto 11**).

**FOTO 11 - Primeira turma T4 com a Profª. Carmem Gemelli.**



**Fonte:** acervo da Escola.

No ano 2000, os professores Elisa Marisa Rodrigues, Carmem Brasil, Rosa Vasconcelos, Luis Fernando, Sandra Lima, Márcia Abreu e Tatiana Ribeiro do Amaral aceitaram o desafio de implementar as Totalidades Finais. Em 2001, somase ao corpo docente do CMET a professora Thaís Fernandes Monteiro (**Foto 12**) e em 2002 a professora Rossana Sacco, Arte Educação e as professoras Karin Lisiani Wentzel, Rosane Dorigon e M<sup>a</sup> Clara Corsini Silva iniciam no CMET (**Fotos 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19 e 20**).

**FOTO 12 - Profa. Thaís Fernandes Monteiro.**



**Fonte:** acervo da Escola.

**FOTO 13:** Professores Elisa, Wilson e Carmem.



**Fonte:** acervo da Escola.

**FOTO 14:** A Profa. Rosa Vasconcelos.



**Fonte:** acervo da Escola.

**FOTO 15:** Prof. Luis Fenando Tavares.



**Fonte:** acervo da Escola.

**FOTO 16:** Profa. Sandra Lima.



**Fonte:** acervo da Escola.

**FOTO 17** - Profa. Márcia Buede Alves.

Fonte: Eunice Laroque, 2012.

**FOTO 18** - Professoras Rossana Sacco e Rosa Vasconcelos.

Fonte: acervo da Escola.

**FOTO 19** - Professoras Karin e Thaís, e o aluno Osmar.

Fonte: acervo da Escola.

**FOTO 20** - Profa. Rosane Dorigon.

Fonte: acervo da Escola.

A professora Karin Wentzel, relatou no dia da primeira formatura dos Surdos do Ensino Fundamental no CMET: “Lembro de alguns quando iniciaram na T2, T3, como naquela época parecia que seria quase impossível de chegar no dia de hoje, dia da formatura de vocês, da conclusão do Ensino Fundamental. Se hoje parece difícil pensar no Ensino Médio ou na Faculdade não esqueçam de como não foi fácil também chegar até aqui.” (**Fotos 21, 22 e 23**).

A Professora Márcia Abreu falou uma mensagem para a primeira turma de formandos: “Devemos aprender com o esporte o espírito de luta e superação, acreditando, que o amanhã será melhor que hoje.”

FOTO 21 - Dia do Surdo e Semana do CMET 2002.



Fonte: acervo da Escola.

FOTO 22 - Confraternização em 2008.



Fonte: acervo da Escola.

FOTO 23 - Confraternização de professores e alunos em 2008.



Fonte: acervo da Escola.

A professora Marlei Tarragô que iniciara como intérprete em LS ingressa na função de professora. (**Foto 24**).

**FOTO 24** - Professora Marlei Tarragó, em 2002.



Fonte: Acervo da Escola

**FOTO 25** - Professores no Dia do Surdo em 2003.



Fonte: Acervo da Escola

**FOTO 26** - Formatura da turma de T6 em 2003.



Fonte: acervo da Escola.

**FOTO 27** - Cerimônia de formatura em 2003, Profª. Lúcia Barth Ckless.



Fonte: acervo da Escola.

**FOTO 28** - Dia do Surdo, em 2004.



Fonte: acervo da Escola.

**FOTO 29** - Grupo de alunos, em 2004.



Fonte: acervo da Escola.

Já em 2005, a professora Maria Cristina Simioni agrega-se ao grupo e naquela época a direção da escola estava a cargo do Prof. Jorge Luis e profa. Vera Lopes Braga.

**FOTO 30:** Dia dos PcDs, em 2005.



Fonte: acervo da Escola.

**FOTO 31:** Alunos e professores, em 2005.



Fonte: acervo da Escola.

**FOTO 32:** Em frente a Assembléia Legislativa (PPDs), em 2005.



Fonte: acervo da Escola.

**FOTO 33:** Comemoração do Dia do Surdo, em 2005.



Fonte: acervo da Escola.

Neste momento, em 2006, o Movimento Surdo ganhou força e o Professor Paulo e Adriana Thoma juntam-se ao grupo de professores. (**Fotos 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34 e 35**).

**FOTO 34** - Professor Paulo, em 2006.



Fonte: acervo da Escola.

**FOTO 35** - Professora Adriana Thoma, em 2006.



Fonte: acervo da Escola.

Chegam ao CMET para somar, os professores Gilberto Maia e a professora Luciana Felix. (**Fotos 36 e 37**).

**FOTO 36** - Professor Gilberto Maia.



Fonte: acervo da Escola.

**FOTO 37** - Profa. Luciana Felix, em 2009.



Fonte: acervo da Escola.

**FOTO 38** - Passeio do Grupo de Surdos no ônibus Turismo, em 2006.



Fonte: acervo da Escola.

Também ao grupo integra-se a Prof<sup>ª</sup>. Ana Luiza Paganelli Caldas. (**Foto 39**).

**FOTO 39** - A Profa. Ana Luiza Paganelli Caldas em passeio a Usina do Gasômetro.



Fonte: Eunice Laroque, 2012.

**FOTO 40**: A prof<sup>ª</sup>. Fabiane Saidellis em passeio cultural com os alunos.



Fonte: Eunice Laroque, 2012.

A profa. Fabiane Saidelles (**Foto 40**) integra-se ao grupo em 2009 para trabalhar com as Totalidades Iniciais no turno da noite.

**FOTO 41:** Professoras Ana Luiza Paganelli Caldas, Fabiane Saidelles, Rosane Dorigon, Carmem Gemelli com a aluna Dona Alda. Dia do Surdo em 2011.



Fonte: acervo da Escola.

O grupo de alunos do CMET continuou na luta das questões de acessibilidade, garantia de intérpretes e por espaço físico. (**Foto 41**).

Participaram em 2011 efetivamente nas atividades do Setembro Azul e da mobilização para a permanência das escolas bilíngües para Surdos, na Assembléia Legislativa e em outros espaços da capital Gaúcha. Apresentar a defesa da Escola Bilíngue para Surdos. Esse foi o objetivo do Seminário Estadual em Defesa da Escola Bilíngue para Surdos no Plano Nacional de Educação, que ocorreu nesta sexta-feira (9/9/2012) na Câmara Municipal de Porto Alegre. Promovido pela Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos (FENEIS), o evento aconteceu simultaneamente em 25 capitais brasileiras e integra o “Setembro Azul”, mês que marca a luta dos Surdos pela garantia de direitos.

O Professor Surdo e Militante no Movimento Surdo Cláudio Mourão, Cacau publicou em seu blog o seguinte texto:

Podemos. Comprovam que presenças de todas as escolas de Surdos do RS e associações de Surdos que vieram à Porto Alegre, que lotaram a casa da Assembléia Legislativa, ainda mais, não tinham espaços para as mãos pois as almas de mãos estiveram presença no meio dos sujeitos Surdos que lutam a favor da Educação de Surdos e Cultura Surda. As mãos gritam que os representantes políticos podem sentir e ouvir que a Comunidade Surda querem Escola Bilíngue para Surdos, não querem retrocesso... Portanto, no dia 04 de junho de 2012, a Comunidade gaúcha entra para mais uma página da história do Rio Grande do Sul e do Brasil. Meus parabéns aos líderes Surdos e aliados ouvintes que lutam pela

Comunidade Surda e pela Escola Bilíngue para Surdos. (Cacau Mourão Junho/2012).

**FOTO 42:** Seminário Estadual em Defesa da Escola Bilíngue para Surdos no Plano Nacional de Educação, que ocorreu na sexta-feira (9/9/2012) na Câmara Municipal de Porto Alegre



**Fonte:** Divulgação PMPA.

Em junho de 2012 os alunos participaram da Audiência Pública em Defesa das Escolas Bilíngües na Assembléia Legislativa, onde estavam presentes além das escolas do RS as maiores lideranças Surdas do Estado.

**FOTO 43:** A preparação dos alunos e professores no CMET, Assembléia Legislativa, 2012.



**Fonte:** Luciana Felix.

**FOTO 44:** As professoras do CMET juntamente com os alunos na mobilização por uma Escola Bilíngue na Assembléia Legislativa, em 2012.



**Fonte:** Luciana Felix.

**FOTO 45:** Na Plenária, a Comunidade Surda CMET Paulo Freire se fez presente, em 2012.



**Fonte:** Luciana Félix.

**FOTO 46:** Assembléia Legislativa, junho de 2012.



**Fonte:** Cacau Mourão.

**FOTO 47:** A Comunidade Surda CMET Paulo Freire, Assembléia Legislativa, em 2012.



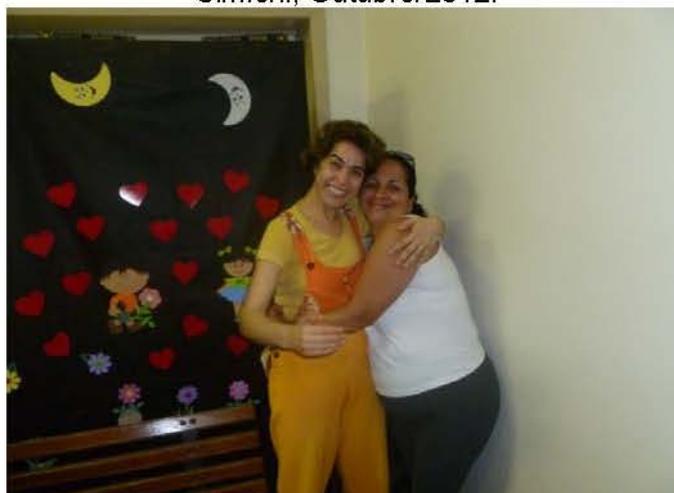
**Fonte:** Cacau Mourão.

**FOTO 48:** Dia do Surdo, 2012.



**Fonte:** Eunice Laroque, 2012.

**FOTO 49:** “Hora do conto”, Projeto da Biblioteca do CMET com a Profa. Maria Cristina Simioni, Outubro/2012.



**Fonte:** Eunice Laroque, 2012.

### 3 OLHANDO PARA A CULTURA SURDA

Enfoco o sujeito Surdo. Aquele que é visto pelos Estudos Surdos como um sujeito cultural, representante de uma linguagem que se mantém apesar de algumas tentativas de grupos e de discursos dominantes que pensam a surdez como incapacidade:

A voz do Surdo são as mãos e os corpos que pensam, sonham e expressam. [...] Pensar sobre surdez requer penetrar no “mundo dos Surdos” e “ouvir” as mãos que, com alguns movimentos nos dizem o que fazer para tornar possível o contato entre os mundos envolvidos, requer conhecer a “língua de sinais”. Permita-se “ouvir” essas mãos, pois somente assim será possível mostrar aos Surdos como eles podem ouvir o silêncio da palavra escrita (QUADROS, 1997, p.119).

Muitas pessoas ouvintes desconhecem a carga semântica que é evocada através dos termos mudo, Surdo-mudo e deficiente auditivo. Para a maioria dos ouvintes, alheios à discussão sobre a surdez, o uso da palavra Surdo parece imprimir preconceito, enquanto o termo “deficiente auditivo” aparenta ser politicamente correta.

O que teria o Surdo de deficiência, se a única coisa que nos difere deles é a língua? São cidadãos como todos os ouvintes, pensam, debatem, se deslocam, têm sua identidade e cultura, aliás, uma cultura que vem de uma história muito triste, em que não eram vistos como pessoas, excluídos da sociedade. As decisões para com eles tomadas partiam de ouvintes, na maioria das vezes, preconceituosos por desconhecer a perspectiva do Surdo.

Diante dessas e de outras questões há a necessidade de refletirmos sobre como podemos tratar as questões da inclusão dos Surdos aos espaços de cultura legitimada ouvintista. Essas discussões auxiliam na compreensão de diferentes contextos da história de Surdos em que se dão as lutas, os conflitos culturais e diferentes identidades, analisando-os com base nos Estudos Surdos, nos quais podemos buscar a realidade cultural do nosso tempo.

A sociedade começa a perceber a existência do Povo Surdo e procura organizar-se para recebê-los de forma adequada. Da mesma forma, os próprios sujeitos Surdos começam a exigir seus espaços e sua representação de diferença cultural linguística.

A inclusão não ocorre somente nas escolas, pode ocorrer também em lugares públicos e privados e em outros ambientes de interação social.

Ao longo do tempo na história dos Surdos, o poder ouvintista tende a impor sua cultura ouvinte sobre o Povo Surdo de sua área de influência, resultando desta mescla os conflitos de representações e de identidades surdas.

Sobre o processo de imposição cultural ouvinte sobre o Povo Surdo e de suas lutas pelo reconhecimento da representação da diferença cultural e identidade surda, Silva (2004, p. 133) argumenta:

Cultura como um campo de produção de significados no qual os diferentes grupos sociais, situados em posições diferentes de poder, lutam pela imposição de seus significados à sociedade mais ampla. A cultura é, nessa concepção, um campo contestado de significado... (a cultura é um jogo de poder).

Sendo assim, a preferência dos Surdos em se relacionar com os seus semelhantes fortalece sua identidade e traz segurança, pois é no contato com os outros Surdos que eles estabelecem diálogos e encontram relatos semelhantes aos seus.

A história cultural dos Surdos nos faz enxergar a Cultura Surda como um conjunto de significados e costumes partilhados e construídos por esse grupo. Os movimentos de lutas políticas por consideração à história surda, às identidades surdas, à língua de sinais e à pedagogia surda afastam a visão de anormalidade e aproximam o Povo Surdo.

Os Estudos Surdos não são considerados um subproduto ou uma área da educação especial e, muito menos, adotam um discurso de que os Surdos são deficientes. Pelo contrário, é considerado um campo do conhecimento interdisciplinar. Suas bases estão na educação em que as identidades, as línguas, as histórias, a arte, as comunidades e as Culturas Surdas são focalizadas e entendidas a partir da diferença e do seu reconhecimento político.

Falar da diferença provoca, ao mesmo tempo, uma problematização sobre a oposição entre normalidade e anormalidade. O conceito de diferença não é utilizado como um termo a mais em um discurso no qual se incluem “deficiência” ou “diversidade”.

Segundo Skliar (1998), esses termos mascaram e neutralizam possíveis conseqüências políticas, colocam os outros sob um olhar paternalista e se revelam como estratégia conservadora para ocultar uma intenção de normalização. A diferença, como significação política, é construída histórica e socialmente. É um processo e um produto de conflitos e movimentos sociais, de resistências às assimetrias de poder e de saber.

A história cultural dos Surdos é longa e complexa, por isso Karin Strobel (2008) desafia o Povo Surdo a construir uma nova história cultural, com reconhecimento e o respeito às diferenças, na valorização da língua, na emancipação dos Sujeitos Surdos de todas as formas de opressão ouvintista e seu livre desenvolvimento espontâneo de identidade cultural.

Nos estudos sobre cultura percebem-se variações desde concepções tradicionais até as mais recentes. Esses focos de correntes resultam polêmicas entre vários pesquisadores. Na teoria pós-moderna a questão cultural admite a multiplicidade de grupos culturais e manifestações das mais diversas naturezas, tornando o conceito de cultura mais amplo. Conforme afirma Hall (1997), nas teorias do campo dos Estudos Culturais, a cultura que temos determina uma forma de ver, de interpelar, de ser, de explicar e de compreender o mundo.

Os Estudos Culturais são originários da Inglaterra e formam um campo de pesquisa interdisciplinar. De acordo com Culler,

[...] o projeto dos Estudos Culturais é compreender o funcionamento da cultura, particularmente no mundo moderno: como as produções culturais operam e como as identidades culturais são construídas e organizadas, para indivíduos e grupos, num mundo de comunidades diversas e misturadas (CULLER, 1999,p.49).

Então, no campo dos Estudos Culturais, a cultura é uma ferramenta de transformação, de percepção, de ver diferente, não mais de homogeneidade, mas de vida social constitutiva de diversos jeitos de ser, de fazer, de compreender e de explicar. Essa nova marca cultural transporta a cultura grupal para uma sensação, ou seja, como ela diferencia os grupos e no que faz emergir a “diferença”.

Cada teoria sobre cultura é o resultado de uma história particular porque a cultura poderá aparecer de forma unitária, mas também podemos admitir a existência não de uma cultura, no singular, mas as culturas no plural. A ideia unitária está relacionada na sociedade com as ideologias hegemônicas, de padronização, de

normalização, em que todos devem se identificar com esta única em um determinado espaço.

O vocábulo “cultura”, vindo do latim, significa o cuidado dispensado à terra cultivada. Segundo Eagleton (2005), o conceito etimológico de cultura é proveniente do conceito de natureza, sendo que um dos significados originais é “lavoura” ou “cultivo agrícola”. Isso mostra que o cultivo da linguagem e da identidade são, então, os elementos fundamentais de uma cultura. Partindo desse pressuposto os elementos mais importantes da cultura são as habilidades dos sujeitos para construir sua identidade, sua linguagem, visto que a palavra natureza significa tanto o que está a nossa volta como o que está dentro de nós.

A cultura permite ao homem não somente adaptar-se a seu meio, mas também adaptar este meio ao próprio homem, a suas necessidades e seus projetos. Em suma, a cultura torna possível a transformação da natureza (CUCHE, 2002,p.10).

Nesse sentido, um ser humano em contato com seu espaço cultural reage, cresce e desenvolve sua identidade, o que significa que os cultivos são coletivos e não isolados. Se a cultura é movente, se atualiza. A Cultura Surda é o jeito de o sujeito Surdo entender o mundo e de modificá-lo a fim de torná-lo acessível ajustando-o as suas percepções visuais, que contribuem para a definição das identidades e das almas das Comunidades Surdas. Isso significa que abrange a língua, as ideias, as crenças, os costumes e os hábitos do Povo Surdo:

As identidades surdas são construídas dentro das representações possíveis da cultura surda, elas moldam-se de acordo com a maior ou menor receptividade cultural assumida pelo sujeito. E dentro dessa receptividade cultural, também surge aquela luta política ou consciência oposicional pela qual o indivíduo representa a si mesmo, se defende da homogeneização, dos aspectos que o tornam corpo menos habitável, da sensação de invalidez, de inclusão entre os deficientes, de menos valia social (SKLIAR, 2004, p.77-78).

O essencial é entendermos que a Cultura Surda é algo que penetra na pele do Povo Surdo que convive em comunidades surdas, que compartilha coisas em comum, normas, valores e comportamentos.

Historicamente a Cultura Surda foi suprimida por muitos anos, e os Surdos necessitavam ser oralizados. O processo de transmissão cultural dos Surdos ocorre,

muitas vezes, somente na fase adulta porque a maioria deles tem família ouvintes ou, pela imposição ouvintista, sequer frequentam as Escolas de Surdos, ficando assim, por muito tempo, sem contato com a Comunidade Surda.

As Comunidades Surdas no Brasil têm uma longa história. O Povo Surdo Brasileiro produziu muitas tradições e histórias em suas organizações. Estas organizações iniciaram suas atividades diante de uma necessidade do Povo Surdo de ter um espaço para se reunir. Essas organizações são associações de Surdos, federações, igrejas que tiveram e tem o importante papel que é a transmissão cultural, esportiva, política, religiosa e fraternal pelos Povos Surdos.

A Cultura Surda exprime valores e crenças que muitas vezes se originam de gerações de Surdos ou de Surdos líderes bem sucedidos, através das associações. A Comunidade Surda constrói uma cultura e produz identidades em espaços não geográficos, mas em espaços possibilitados e conquistados intencionalmente ou não, a organização e a produção surda. Há grandes diversidades nas Comunidades Surdas e cada grupo é organizado de maneiras diferentes de acordo com os mesmos interesses dentre eles, tais como: a raça, religião, profissão e outras características distintas. Embora esse termo Cultura Surda seja usado frequentemente, isso não significa que todas as pessoas surdas no mundo compartilhem a mesma cultura.

No mundo existem inúmeras associações, inclusive de Surdos oralizados. Podemos dizer que a Cultura Surda, assim como qualquer outra cultura tem especificidades e não é só pelo fato de que os Surdos não escutam que eles constroem suas identidades. Eles constroem a partir de vivências, experiências e maneiras peculiares de ver e se relacionar com as experiências da vida. Os autores Surdos Norte-Americanos, Padden e Humphries (2000, p.5) conceituam Comunidade Surda, assim:

Uma comunidade surda é um grupo de pessoas que vivem num determinado local, partilham os objetivos comuns dos seus membros, e que por diversos meios trabalham no sentido de alcançarem estes objetivos. Uma comunidade surda pode incluir pessoas que não são elas próprias Surdas, mas que não apóiam ativamente os objetivos da comunidade e trabalham em conjunto com as pessoas Surdas para alcançar.

Na Comunidade Surda também podem coexistir sujeitos Surdos e ouvintes, porém todos os membros comportam-se como Sujeitos Surdos e compartilham entre si as mesmas crenças, sendo que, todos os membros são pertencentes ao Povo Surdo.

Portanto, entendemos que as Comunidades Surdas de fato não são apenas compostas de Sujeitos Surdos, mas também, de seus familiares, intérpretes, professores, amigos e outros que participam e compartilham os mesmos interesses em determinada localização. Para compreender a Cultura Surda e sua complexidade é importante entender que os Surdos criam representações, pois a cultura que caracteriza um local onde convivem os sujeitos é construída nos processos sociais e nas práticas discursivas, através dos artefatos culturais. As manifestações das tradições culturais, dos valores e das artes de diferentes grupos correm o risco de desaparecer com o tempo, mas para que não desapareçam, são frequentemente modificadas, tendo a possibilidade de circular em muitos locais.

### **3.1 Artefatos da Cultura Surda**

Muitas pessoas estão habituadas a denominar artefatos como objetos ou materiais produzidos por grupos culturais, mas estes não são somente formas de cultura material, mas também tudo o que se vê e sente através de valores, tradições, normas, maneiras de nos dirigirmos aos outros, etc. Traço comum em todos os sujeitos humanos seria o fato de que todos somos artefatos culturais e, assim, os artefatos ilustram culturas.

Os artefatos culturais não se referem apenas a materialismos culturais, mas a toda e qualquer produção do sujeito que tem seu próprio modo de ser, ver, entender e transformar o mundo. Karin Strobel (2008) cita alguns artefatos que considera importantes na Cultura Surda, tais sejam: as atitudes do Ser Surdo e seus modos de ver, de perceber e de modificar o mundo. Essa mesma autora aponta os principais artefatos da Cultura Surda, sendo o primeiro, a experiência visual em que os Sujeitos Surdos percebem o mundo de maneira diferente. Os Sujeitos Surdos tem uma experiência visual que significa substituir totalmente a audição pela visão como meio de comunicação. É dessa experiência visual surge a Cultura Surda representada pela Língua de Sinais.

A Cultura Surda se expressa para conhecer as artes e se apropriar do conhecimento científico e acadêmico com a necessidade do intérprete e de tecnologia de leitura.

A percepção visual se dá através de expressões faciais e corporais, das atitudes dos seres vivos e de objetos de diversas circunstâncias. Muitas vezes, os Surdos têm dificuldades de participação em determinados ambientes devido à falta de recursos visuais.

A Língua de Sinais é um componente fundamental da Cultura Surda. Incluem-se neste artefato, os gestos denominados “sinais emergentes” ou “sinais caseiros”, aqueles que são uma construção simbólica inventada na família. Existem Surdos que vivem de forma isolada das Comunidades Surdas. Alguns Surdos procuram entender o mundo através de experimentos visuais e tentam criar sinais no improviso. Percebe-se, então, que o artefato linguístico é de suma importância para que o Ser Surdo construa sua identidade com o seu grupo. É a língua que vai proporcionar a transmissão e a aquisição do conhecimento universal. Os Sujeitos Surdos que têm acesso à Língua de Sinais e participam da Comunidade Surda têm maior segurança, autoestima e identidade sadia. A Língua de Sinais também pode passar por mudanças e com o passar do tempo, um sinal pode sofrer alterações decorrentes dos costumes da geração surda que o utiliza.

Outro artefato importante, e também linguístico, é o sistema de escrita para a língua de sinais, em fase de difusão. Este sistema é conhecido pelo nome de Sign Writing (SW) e trata-se de um fato histórico importante para o povo Surdo, pois se dizia que essa língua era ágrafa.

A pesquisa desse sistema no Brasil foi desenvolvida pela Doutora Surda Marianne Stumpf junto com outros pesquisadores. O primeiro contato com esse sistema foi no ano de 1996 e em 2005 defendeu a sua tese sobre esse tema. O sistema Sign Writing (SW) é conhecido no Brasil como Escrita em Língua de Sinais (ELS).

Strobel (2008) relata que o artefato cultural familiar é de extrema importância ao Surdo. O nascimento de um Surdo em uma família surda que, ao contrário do nascimento de um Surdo em família ouvinte, é um fato naturalmente benquisto. A criança não é vista como um problema social. O contato de uma criança surda com adultos Surdos é de suma importância para que, através da língua de sinais, ela

obtenha acesso à linguagem e se assegure na identidade e cultura surda que lhe é transmitida através deste contato com a Comunidade Surda.

Outro artefato cultural sinalizado pela pesquisadora Strobel (2008) é o da Literatura Surda, que traduz a memória das vivências surdas através das várias gerações dos Povos Surdos. A literatura se multiplica em diferentes gêneros: poesia, história de Surdos, piadas, literatura infantil, clássicos, fábulas, contos, romances, lendas e outras manifestações culturais. Karnopp (1989, p.102) também faz referência a respeito desse artefato cultural quando diz que “utilizamos a expressão “literatura surda” para histórias que têm a língua de sinais, a questão da identidade e da cultura surda presentes narrativa”.

Existem muitos registros de que a Língua de Sinais é propícia e funciona muito bem em poesias e humor e é através desta literatura específica que o Povo Surdo expõe as dificuldades e vitórias relativas às opressões ouvintes, de como se comportam em situações inesperadas, testemunhando as ações de grandes líderes e militantes Surdos e sobre a valorização de suas identidades surdas.

Este é um momento de crescimento de publicações e de relatos que vem, permanentemente, fazendo com que a literatura sobre Surdez desponte e mude a visão da história do Surdo e do valor dos seus direitos culturais.

A literatura surda também envolve as piadas surdas que exploram a expressão facial e corporal, o domínio da língua de sinais e a maneira de contar a piada naturalmente. São consideradas extraordinárias na comunidade surda. Na maioria das vezes as anedotas são sobre a incompreensão das comunidades surdas e vice-versa.

Essas piadas da cultura surda muitas vezes podem ocorrer sem que a comunidade ouvinte as compreenda ou não as achem engraçadas e vice-versa: o Povo Surdo também não compreende as piadas da cultura ouvinte. Isto ocorre porque os Sujeitos Surdos usam nas piadas os artefatos culturais do Povo Surdo, enquanto para o povo ouvinte, a temática da língua portuguesa e versões sonoras são mais importantes.

No teatro, a expressão através das feições, corpo e Língua de Sinais é constantemente praticada pelos Sujeitos Surdos, por isso eles têm grande talento para expressar as suas identidades culturais através de desenhos no ar, poesias, narrativas e contações de histórias.

### 3.2 Acessibilidade e Inclusão: por uma Museologia Inclusiva

Para pessoas ouvintes que convivem com Surdos não é fácil reconhecer a existência da Cultura Surda, pois, dentro de um universo de população surda existem conceitos unitários de saber cultural que são produzidos em diferentes espaços culturais.

A inclusão de estudos sobre Acessibilidade Surda em ambientes culturais ainda é recente no Brasil e demanda pesquisa e vivências para que articular formas de comunicação para concretizar parcerias efetivas.

A Museologia, disciplina interpretativa, bebe nas fontes das Ciências Sociais e Humanas, nas áreas de Patrimônio e Cultura e conseqüentemente busca legitimar esse conhecimento através da práxis museal. O gosto por museus não é nato do ser humano, mas é desenvolvido através dos processos de aprendizagem, de ações e esforços conjuntos entre família, educação formal e grupos sociais. Os museus e os novos processos museais têm o compromisso de entender as peculiaridades das culturas e a partir daí, buscar subsídios para melhor acolher seus freqüentadores. No entanto, a participação da sociedade neste processo é de fundamental importância, pois sinalizará as ações museológicas potencializando-as e legitimando-as como “públicas” e “de acesso para todos”. Com isso, a Museologia poderá articular sua prática num contexto intercultural, participativo, resultante de uma rede de comunicação e de interações das diversidades culturais. Não se trata aqui de adicionar componentes isolados de acessibilidade ou inclusão do “Povo Surdo”, adaptando narrativas do “Povo Ouvinte”, mas, sim, de integrá-los ao redor de objetivos comuns, o da construção de uma Museologia constituída pelas parcerias e pelos artefatos culturais construídos.

Compreender a Cultura Surda, seus artefatos e sua linguagem, já significa que estamos atentos a essa problemática. Não basta desenvolver materiais e introduzi-los nos museus para dar acesso, mas, sim, entender formas de construir múltiplas linguagens e formas de acesso a cerca dos Estudos Culturais Surdos.

A Museologia foi considerada, durante muito tempo, como a ciência dos museus, como a disciplina que estudava exclusivamente as práticas desenvolvidas no interior dessas instituições. Varine (2000, p. 25) argumenta que “o museu é parte do tecido social, econômico, educativo: não é um ilhote de cultura encerrado sobre seus tesouros. Vive e morre da vida e da morte de sua comunidade”. Nessa

perspectiva, busco refletir sobre a proposição que Varine aponta de que os museus são instrumentos de desenvolvimento no processo de transformação da realidade social.

A acessibilidade e inclusão como uma nova territorialidade das políticas e das práticas culturais de interação entre sujeitos nas bases teóricas da Museologia.

Os primeiros a discutirem o objeto de estudos da Museologia foram os alemães, porém só em 1986 com o Comitê Internacional de Museologia (ICOFOM), novos conceitos a cerca dos estudos museológicos apareceram. No entanto, o ICOM (Comitê Internacional de Museus) já havia estabelecido em 1972 uma definição, na qual conceituava a Museologia como o estudo da história e trajetória dos museus, seu papel na sociedade, seus métodos específicos de pesquisa, conservação, educação, a organização e seu relacionamento com o ambiente e a classificação. Essa definição norteou os objetivos da maioria dos programas de treinamento nos museus.

Para compreender o processo de construção das novas bases de estudos da Museologia é necessário percorrer um pouco da história do ICOM e os avanços epistemológicos que resultaram para o mundo dos museus.

Na primeira reunião do ICOM no México, em 1947, já discutiam sobre a “compreensão mútua e as trocas culturais nos museus”, influenciadas pelas novas tendências de educação dos anos 1950 na Europa.

Já nos anos 1960, um programa voltado para o meio ambiente propunha uma agenda a serviço da sociedade, mas só em 1971 que os estudos sobre Museologia remeteram à causa da natureza, tendo como finalidade enfatizar o papel dos museus nas sociedades contemporâneas. Neste período os profissionais que trabalhavam com Museologia de todo o mundo abrem as portas para enxergar o que havia fora dos muros dos museus. É com a possibilidade da chegada de novos tempos para os museus, na mesa redonda da UNESCO, em 1972, em Santiago do Chile que ocorreu a discussão do papel dos museus na América Latina e nesse momento havia outro “tom” em que os museus deveriam ter uma responsabilidade social.

O movimento que surge na década de 1980, a Nova Museologia, incorpora em suas ideias centrais um museu voltado para a vida humana e plenamente comprometido com os problemas sociais das comunidades. Estas discussões conceituais trouxeram para o contexto museológico antagonismos que contribuíram

para o desencadeamento de um movimento em prol de uma nova reflexão sobre a Museologia, ou seja, ao se perceber a possibilidade de a instituição museu lançar seu olhar sobre a realidade circundante surge uma nova corrente museológica. Chegava-se assim, ao ponto de partida para uma prática museológica que só tomaria forma, de fato, nos anos 1990.

A Museologia atual tem buscado referenciais teóricos em outras áreas do conhecimento como as Ciências Sociais e Humanas para o seu desenvolvimento. A aproximação do museu com a comunidade tem como recurso privilegiado a integração com a valorização do cotidiano possibilitando um fazer museológico que, ao mesmo tempo, constrói o conhecimento e cria laços entre museu e comunidade. Perante essas afirmativas, os museus envolveram o social em seus discursos, porém ainda não se estabelecia questões sobre a diversidade cultural e suas interrelações.

Bruno Soares (2008) em sua dissertação de mestrado diz que o cenário das mudanças nos museus é a relação "humano-real" e o que muda é o próprio indivíduo e suas maneiras de perceber, o "real". Para ele, pensar no "real" no contemporâneo requer entendê-lo em complexidade e subjetividade, lugares para onde se desloca o pensamento. O pesquisador enfatiza que o real está dentro de nós e nos leva a compreender uma Museologia que tem o humano como objeto e que está sujeita a toda complexidade do "real".

Refletindo sobre essas questões chegamos a formas de enxergar o humano, com suas peculiaridades. A Museologia contemporânea se desenvolve assim, numa esfera permeada pelo compromisso com as questões sociais, com a complexidade do mundo e ainda assim, representando de maneira democrática as sociedades e suas diversidades, construindo bases epistemológicas para se embrionar como ciência. O museu, como equipamento de cultura e unidade de diversidade cultural, leva em consideração o que o visitante traz consigo e o que levará dali com ele, gerando a capacidade de criar novas realidades e construir imaginários.

Todos nós temos um museu dentro de nós e nos cabe, a cada momento, reinventá-lo. E aos museus equipamentos de cultura, chegará o dia em que o visitante, ao retornar, redescobrirá novas realidades e novos sentidos. A inclusão dos estudos de acessibilidade nas bases teóricas da Museologia e nos ambientes culturais ainda é recente no Brasil e demanda pesquisa, para articular formas de comunicação e de concretizar parcerias efetivas com os próprios atores sociais.

Se o homem-real e sua complexidade é objeto de estudo da Museologia, não basta possibilitar acesso físico aos ambientes culturais. Cuty (2012), afirma que existem contextos possíveis de construção dos direitos culturais, porém eles estão intimamente ligados aos processos de exclusão decorrentes de períodos de opressão e de regimes autoritários.

Seguindo essa lógica, a identidade está intimamente ligada à diversidade e relacionada a um processo de apropriação. Essas questões remetem ao debate que Cucho (2002, p 143) faz sobre as “hierarquias sociais e culturais”. Segundo esse autor:

As culturas nascem de relações sociais que são sempre relações desiguais. Desde o início, existe então uma hierarquia de fato entre as culturas que resulta da hierarquia social. Pensar que não há hierarquia entre as culturas seria supor que as culturas existem independentemente umas das outras, sem relação umas com as outras, o que não corresponde à realidade.

De fato, a existência das culturas dominantes e dominadas, assim como a relação entre elas precisam ser discutidas, pois há uma pressão cultural que podem resultar em uma conformação e introjeção de valores e ideias do outro.

Outra questão importante, abordada por Cuty (2012), é o entendimento sobre ambientes culturais, lugares esses de interação entre sujeitos e que não são apenas espaços que abrigam objetos e produtos de cultura. Quando falamos em acessibilidade, falamos sobre os que não tem acesso. Quando se fala em inclusão é porque existem excluídos, quando se fala em diferença se fala em identidade e tudo isso não poderá ser dissociado. Essas questões são de suma importância para a compreensão dos mecanismos culturais e como as culturas e suas relações se apresentam.

Os ambientes culturais possibilitam intensa interação social e experiências afetivas, culturais e cognitivas e ocupam lugar de destaque nessa rede de relações, paradoxos e complexidade.

Diante da produção e distribuição do conhecimento social, mudanças paradigmáticas nos instigam a pensar quais perspectivas circundam os desafios das políticas culturais nos ambientes de cultura. O desenvolvimento de estratégias sobre como melhor promover o acesso físico aos equipamentos culturais e o engajamento intelectual da sociedade é um aspecto importantíssimo.

A pluralidade cultural, suas interrelações, acaba sinalizando uma alteração nos padrões de consumo cultural e das políticas culturais.

Preocupados em definir as vivências de cultura, alguns autores apresentam uma tipologia das práticas culturais (BRENNER; DAYRELL; CARRANO 2005; LOPES, 2000, p.175). De modo geral, a tipologia distingue dois grandes grupos: o das práticas culturais e práticas de lazer e entretenimento.

Incluem-se no primeiro caso, teatro, museu, cinema, biblioteca, ou seja, da cultura legitimada ou cultura cultivada. A cultura legitimada é aquela que é produzida por grupos, comunidades e é considerada oficial e reconhecida como legítima de uma sociedade.

As práticas de lazer e demais atividades de fruição e sociabilidade são chamados cultura das saídas, como definem os autores citados. É nos ambientes de cultura de saída que os sujeitos constroem artefatos culturais e se identificam com grupos culturais, autenticando e validando culturas e saberes.

Atualmente, essa tipologia de que os autores tratam estão se misturando. No caso dos museus a prática de incorporar atividades de lazer já não é uma novidade. Muitos projetos são instituídos para incorporar um público maior às atividades museísticas. Estas práticas remetem a uma concepção de ambiente cultural plural, aquele que é capaz de tratar de um conhecimento dito legítimo ou cultivado, aliado ao entretenimento. Essas questões, muitas vezes são estratégias para incluir e dar acesso a pessoas que talvez jamais fossem a um museu por um motivo que não fosse o entretenimento.

Em geral, as questões do acesso e da acessibilidade e inclusão aos ambientes culturais, são discutidas na área das políticas patrimoniais. Quase sempre os indivíduos são tratados como incapacitados ou deficientes.

Foi a partir dos conceitos desenvolvidos pelos movimentos de inclusão social que o termo acessibilidade foi legitimador lei. Segundo a Norma Brasileira de Acessibilidade ABNT NBR 9050, da Associação Brasileira de Normas Técnicas, acessibilidade é a possibilidade e condição de alcance, percepção e entendimento para a utilização com segurança e autonomia de edificações, espaço, mobiliário, equipamento urbano e elementos. O termo acessível implica que o acesso deve considerar as esferas física, intelectual, cognitiva e atitudinal.

É da forma intelectual, cognitiva e atitudinal que desenvolvo este trabalho.

A acessibilidade intelectual e cognitiva aos espaços de cultura cultivada, no caso dos museus, um dos requisitos é que o indivíduo tenha conhecimentos prévios para poder se apropriar das narrativas e dos artefatos de cultura. No entanto, os ambientes das práticas culturais legitimadas e os ambientes de “cultura de saídas” legitimam formas de comunicação, permitindo maior interação entre grupos ou comunidades onde os sujeitos estabelecem relações e se identificam.

Para que os princípios da acessibilidade e da inclusão social sejam viabilizados nos ambientes de cultura é necessário construir referenciais a cerca do público, das diferenças, das necessidades e particularidades a partir dos artefatos construídos e das narrativas emitidas referentes às formas de acesso.

Neste trabalho, estamos olhando para o acesso à cultura legitimada do ponto de vista da Surdez, de sua Cultura e seus artefatos culturais produzidos, suas diferenças na interrelação da diversidade e da diferença entre culturas tanto nos lugares de cultura cultivada, quanto nos lugares de cultura de saídas.

#### 4 FOTOGRAFANDO POSSIBILIDADES DE LEITURA E DE FAZER RECORTES

Através de uma câmara Fotográfica procurei destacar e registrar sentimentos, gestualidades, reações e descontrações da Comunidade observada para posterior propiciar encontros para organizar as memórias do grupo. Minha intenção foi captar através das imagens a relação entre alunos, família e amigos nas visitas de estudos aos ambientes culturais. Ao acompanhar as atividades me aproximei do grupo, mantendo uma relação de convivência diária na escola, durante o corrente ano, nas horas de lazer, recreio, merenda e atividades em sala de aula. Minha aproximação aos Surdos poderia definir-se como um exemplo típico e paradigmático das dificuldades de interação dos ouvintes com os Surdos.

A maneira pela qual me inseri nesta comunidade foi bastante inesperada. O primeiro contato foi quando fui transferida da Secretaria de Cultura do Município de Porto Alegre para a Secretaria Municipal de Educação. Com lotação no CMET comecei observando a comunidade escolar e suas peculiaridades. Os Surdos chamaram a atenção pela forma como se relacionam com as coisas e como estabelecem seus vínculos de afinidades. Ao trabalhar na secretaria da escola comecei a atendê-los. Com muitas dificuldades de comunicação imediatamente entrei em contato com as professoras para ver a possibilidade de aproximação visto que na Graduação em Museologia estudamos muitas disciplinas sobre cultura, porém a Cultura Surda representava tudo muito diferente daquilo que havia estudado. Fui rapidamente inserida e acolhida pelo grupo de professores que a partir daí me ajudaram na conversação. Imediatamente fui batizada pelos Surdos com um sinal que referencia o “E” de Eunice em movimento representando os óculos que é um elemento constante em minha pessoa.

Durante as saídas de campo, o entrosamento era um início para o aprendizado na Língua de Sinais e a entender o mecanismo dinâmico da Cultura Surda. Minha presença a partir daí foi se constituindo como atuante como fotógrafa e os alunos começaram a me procurar e a cobrar as Fotografias. Este trabalho de registro Fotográfico no cotidiano me inseriu de forma a ser chamada ao convívio, afastando a possibilidade de ser vista como alguém desinteressada pelas causas dos Surdos. Ao explicar o trabalho e perguntar quem gostaria de participar fiquei surpresa com tamanha recepção e todos imediatamente se prontificaram a organizar as memórias Fotográficas dos eventos culturais. Neste momento cria-se uma

comissão para a criação do Memorial dos 25 anos do CMET. Prontamente me prontifiquei a ajudar com meus conhecimentos de Museologia e ajudar na organização de um projeto junto aos colegas e equipe diretiva.

As Fotografias que fiz neste estudo são ditas “instantâneas”, porque são aquelas que foram movidas pelo interesse de registrar os momentos significativos com o intuito de deixar vivo ou materializado para que após as visitas pudéssemos reviver ou reinventar as memórias do grupo de Surdos.

Quando olhamos para o texto Fotográfico, somos interpelados por diferentes informações que ganham significados de acordo com o lugar que ocupamos para olhá-las. Após os registros Fotográficos das visitas de estudos encaminhei os trabalhos de forma a reunir a “Comunidade Surda CMET Paulo Freire” a contemplar as Fotografias para analisá-las com a técnica de grupo focal, por reconhecer que esta ferramenta viabiliza o acesso através da interação do grupo, das suas visões e pareceres a fim de analisar as experiências de trocas de narrativas entre os sujeitos.

**Foto 50:** O início do trabalho em grupo em sala de aula, em set/2012.



**Fonte:** acervo de Eunice Laroque.

Dividi as Fotografias em seis conjuntos Fotográficos conforme as visitas e os eventos visitados, e em sala de aula, juntamente aos professores encaminhei a organização de um álbum Fotográfico de forma aberta sem roteiros, deixando livremente os grupos se expressassem de forma participativa, em LIBRAS, visto que

muitos têm dificuldades em expressar-se através da escrita. Os alunos escolheram as Fotografias de forma aleatória, respeitando os eventos visitados.

**Foto 51:** O grupo de alunos separando o material, em out/2012.



**Fonte:** Eunice Laroque, 2012.

A princípio pensei em fazer um baú de memórias com dois ou três alunos. No entanto, ao circular na escola nos três turnos e sendo cobrada pelos Surdos que queriam ver as Fotos resolvi envolver todos aqueles que livremente desejassem participar do projeto.

A pesquisa foi pautada por elementos da Antropologia Visual por entender que a mesma é uma fonte etnológica importante. Olhar para os registros Fotográficos é uma experiência que coloca quem os faz em busca de sentidos e significados para as imagens e de compreensão sobre como a Fotografia vem a constituir textos importantes para reflexão e interpretação. A Fotografia traz a possibilidade de rememorar, reafirmar ou de desconstruir narrativas sobre um determinado contexto, o que considero pertinente devido à comunidade analisada ser extremamente visual. O fato de olhar e selecionar as Fotografias dentro de um conjunto já simboliza uma visão sobre os fatos, colocando na imagem atribuição de valor.

Neste trabalho me refiro ao uso “amador” da Fotografia, porque tem a intenção de registrar momentos de convivência entre alunos, família, amigos e nos ambientes culturais. Quando olhamos um texto Fotográfico direcionamos nosso olhar a informações que ganham significados de acordo com o lugar que ocupamos para olhá-las. O contexto, o momento de quem observa as Fotografias, a afinidade,

o objetivo e o local em que as imagens surgem são elementos importantes para o pesquisador.

Nesse sentido, a experiência, enquanto dimensão vivida se constituiu como um suporte para construir um conhecimento sobre as relações entre sujeitos culturais atuantes socialmente e partícipes da construção de uma identidade individual e coletiva.

Todos sabiam que a minha presença ali era como pesquisadora e estagiária do Curso de Museologia. Eu tinha em mente visitar equipamentos de cultura diversificados mais meu foco era expograficamente compreender como o Surdo entende as exposições museológicas e eventos culturais diversos.

A seguir apresento as visitas nos equipamentos de cultura em cinco pranchas A3 que ilustram em imagens o material Fotográfico que disponibilizei aos alunos para a organização das suas narrativas.

#### **4.1 Exposição Museal: “Para Todos: O Movimento das Pessoas com Deficiência no Brasil”**

A Exposição “Para Todos” ocorrida no mês de maio do corrente ano contou a história da evolução do “Movimento Político das Pessoas com Deficiência no Brasil”. O projeto da exposição itinerante apresentada, em painéis, suportes e estrutura com fones de ouvido para áudio descrição. Os textos dos painéis foram interpretados aos alunos Surdos pelas professoras. Todos atentamente participaram do percurso e aproveitaram o momento de reflexão, visto que parte da história do Povo Surdo estava contemplada na exposição.

#### **4.2 Festa Junina CMET Paulo Freire: Teatro Surdo “Casamento na Roça”**

No mês de junho ocorreu o Arraial do CMET Paulo Freire e a Professora Rossana Sacco organizou uma peça teatral, “Casamento na Roça” com uma turma de alunos Surdos para apresentar para a Comunidade Escolar. No trabalho os alunos demonstraram domínio na interpretação. Viveram a expressão através das feições, do corpo em Língua de Sinais demonstrando talento para expressar as suas

identidades culturais através de narrativas e da contação da história. Ficou evidente que a arte dramática é um instrumento importante para o indivíduo Surdo. Eles são espontâneos e estabelecem vínculos de maneira que a comunicação envolve o corpo, a imaginação e a linguagem. O aspecto social e a sensibilidade frente às situações me chamaram a atenção. Ao final a emoção tomou conta e contagiou a todos. Na platéia a maioria eram ouvintes, visto que a Comunidade Surda do CMET é pequena em relação ao número de ouvintes.

### **4.3 10º Jogos dos Estudantes Surdos de Porto Alegre/ 2012**

O 10º Jogos de Estudantes Surdos ocorreu no dia 25 de maio no Centro de Eventos da PUC. Este evento é realizado todo ano e conta com diversas escolas de Surdos da região metropolitana de Porto Alegre. Observando a “Comunidade Surda CMET Paulo Freire”, no evento, penso que muitas vezes aquilo que a escola oferece são oportunidades únicas entre os alunos. Muitos se relacionam e fazem laços de amizade na própria escola. Ao participar dos jogos, percebi que ali estavam várias escolas e muitos dessas pessoas surdas se conheciam. Era uma grande confraternização, uma festa, um espaço social onde os jogos eram apenas um motivo para o “encontro”, a “celebração” e o reforço da identidade surda.

### **4.4 Teatro de Rua: La Perseguida/ Teatro Vagamundo**

No dia 19 de maio o CMET Paulo Freire sediou o espetáculo “La Perseguida” no 70 Festival Palco Giratório SESC em Porto Alegre. O ator dá um depoimento carinhoso a respeito do evento no CMET:

Durante nossa estadia na “capital” fomos também abençoados com duas apresentações no CMET Paulo Freire, onde com uma platéia amorosa e diversificada o teatro se fez potência de encontro. A platéia, composta por adolescentes, idosos, alunos Surdos e professores acolheu o Palhaço Rabito de forma calorosa e La Perseguida seguiu como espaço de celebração e festa! Conhecemos Dona Ida, de 82 anos, que estava decidida a fugir com Rabito para o circo, e reviver seu passado de “ser atriz”. Emocionada, Dona Ida emocionou a todos! (Daniel Lucas, Ator Palhaço)

**FOTO 52:** Dona Ida, aluna do CMET emocionada ao ganhar flores do Palhaço.



**Fonte:** Aline Carvalho.

Rabito é um palhaço da vida, daqueles que vagam pelo mundo a dissipar alegrias. Movido pela paixão o palhaço diverte o público no saguão do CMET Paulo Freire. Os alunos mergulharam na gesticulação do ator.

#### **4.5 Cinema: Filme "As Melhores Coisas do Mundo" na Usina do Gasômetro, Sala P.F. Gastal**

No mês de julho fomos ao cinema ver "As Melhores Coisas do Mundo", que narra à vida dos adolescentes de classe média, de uma escola da cidade de São Paulo. Um adolescente de 15 anos está enfrentando todos os problemas que vêm com a idade - a cobrança dos amigos para perder a virgindade, a busca por um lugar na sociedade, a paixão não correspondida, etc.

O filme, muito oportuno para os alunos, pois nele encontraram questões vivenciadas no dia-a-dia, vistas nas telas do cinema.

#### **4.6 Casa de Cultura Mário Quintana: Teatro “Cerimônia do Adeus”**

A nossa estada no Teatro da Casa de Cultura Mário Quintana no espetáculo “Cerimônia do Adeus” no mês de julho foi paradigmática. A peça teatral contava um rito de passagem ambientado em uma capela estilizada. Abordou a repressão familiar, religião, sexualidade, as traições e a compaixão da protagonista em estado terminal. A personagem constrói em seu imaginário uma forma de resolver seus conflitos emocionais, dramatizando um diálogo que marcou sua trajetória em vida. A personagem passeia pelas lembranças do passado, dialogando com seus afetos e desafetos. A peça tinha uma trilha sonora com ondulações rítmicas que criou uma atmosfera baseada nos ritos de passagem da Idade Média. Neste momento filmei o intérprete sinalizando as músicas aos alunos Surdos.

### **5 AS IMAGENS TRADUZIDAS POR PALAVRAS: O ÁLBUM**

Ao revelar as Fotografias dos eventos senti a responsabilidade da proposta de meu trabalho. Os alunos ao saberem que haviam Fotos impressas imediatamente começaram a cobrar o dia em que iam olhar as Fotos. No início pensei em trabalhar com apenas três alunos Surdos pelo curto espaço de tempo mais optei em manter todos os alunos Surdos no trabalho por acreditar que seria injusto reduzir o grupo. Os Alunos Surdos do CMET aprenderam a construir conhecimento de forma coletiva, esta é a filosofia de trabalho da escola. As Fotografias foram transformadas em objeto de cobiça, para isso, os professores cederam seus espaços de sala de aula para os encontros acontecerem. Grupos de trabalho foram formados com a ajuda das colegas e a dimensão do “documento Fotográfico” ficou enorme. As narrativas dos corredores eram: “nós aparecemos nas Fotos?” No dia marcado para começar o trabalho da organização do álbum as professoras se prontificaram em ajudar e reunir as turmas e quando as imagens foram espalhadas nas mesas os alunos imediatamente ficaram muito atentos. Olhar Fotografias no computador não dá a emoção de como tocar no documento.

**Foto 53:** A Professora Carmem Gemelli inserida no trabalho com os alunos, em out/2012.



**Fonte:** Eunice Laroque, 2012.

No Curso de Museologia, na disciplina de Documentação Museológica aprendemos a identificar o que é um documento museológico. A Fotografia, como um “objeto documental” necessita estar contextualizada e pertencer a um conjunto de significados e que sejam relevantes historicamente a um grupo ou à sociedade. A atribuição de valor ao documento é intencional. Talvez tenhamos começado a organizar a documentação para o Memorial do CMET com os próprios Sujeitos da História. Os Surdos ao manipularem as Fotografias tentaram dar ordem de forma a contar os passeios no passo a passo, como se fosse uma História. Claro que era História! A História de momentos de descontração onde livremente poderiam ler a disposição das Fotos com os seus iguais, na sua linguagem.

**Foto 54:** A organização das narrativas, em out/2012.



**Fonte:** acervo de Eunice Laroque.

**Foto 55:** O aluno evidencia seus colegas e amigos na ida ao passeio no ônibus de linha, em out/2012.



**Fonte:** Eunice Laroque, 2012.

Ao analisar as fotos na maneira como os grupos se organizavam constatei que as imagens marcavam momentos dos passeios em que o grupo era mais importante que o próprio passeio. Isso pode ser considerado como um identificador da construção da identidade destes Surdos. Com isso, a seguir apresento a disposição das narrativas fotográficas organizadas pelos alunos no álbum, de forma a ilustrar como o grupo representou através das imagens os momentos das saídas de estudos. (**Narrativa fotográfica I: fotos 56 a 61 e Narrativa fotográfica II: fotos 62 a 67**).

## Narrativa fotográfica I: fotos 56, 57, 58, 59, 60 e 61.

Foto 56



Foto 57



Foto 58



Foto 59



Foto 60



Foto 61



## Narrativa fotográfica II: Fotos 62, 63, 64, 65, 66 e 67.

Foto 62



Foto 63



Foto 64



Foto 65



Foto 66



Foto 67



O Sujeito Surdo de fato é culturalmente diferente. Percebi que a visão dos Surdos é mais aguçada e as formas de ver o mundo seriam através de “outras lentes”. A observação detalhada e a facilidade de lembrar fisionomias são concebidas de distintas maneiras, conforme a aproximação e o envolvimento do grupo nos momentos das saídas, principalmente no encontro com outros Surdos de outras comunidades.

Na medida em que fui mergulhando nos encontros, novas possibilidades de leitura se apresentaram que não pude contemplá-las, neste momento. Privilegiei questões que pareceram mais importantes para a minha compreensão sobre a Cultura Surda e a Comunidade Surda CMET Paulo Freire. As imagens Fotográficas possibilitaram mergulhar em uma série de detalhes e especificidades culturais. A cada momento que olho para os álbuns Fotográficos vejo com um novo olhar. Os alunos organizaram as Fotos do teatro por afinidade, por se enxergarem nas performances visualizadas e vivenciadas. Os atores tiveram destaques. (**Narrativa fotográfica III: fotos 68 a 73**).

Narrativa fotográfica III: fotos 68, 69, 70, 71, 72 e 73.

Foto 68



Foto 69



Foto 70



Foto 71



Foto 72



Foto 73



Primeiro apareceu o grupo se deslocando ao evento e após toda a narrativa de comunicação e entendimento das histórias das peças.

A Peça A Cerimônia do Adeus, peça teatral na Casa de Cultura Mário Quintana, foi praticamente quase excluída do álbum, pois o evento exigia um grau de complexidade enorme. O intérprete apresentou dificuldade para sinalizar. (**Foto 74**).

**Foto 74** - O intérprete sinalizando as músicas da peça, em julho/2012.



**Fonte:** Eunice Laroque, 2012.

As relações com o conhecimento é de fundamental importância para a compreensão, a falta de conhecimento prévio deixa o Surdo sem perspectiva de entendimento. Vimos duas peças teatrais e ao organizarem as imagens ficou nítido que o teatro é muito forte e sensibilizador ao Surdo. Ele propicia a possibilidade de composição de fantasias através dos personagens. A arte dramática é um instrumento importante, pois faz com que o indivíduo libere sua criatividade.

**Foto 75** - Peça teatral “Casamento na Roça”, em julho/2012.



**Fonte:** Eunice Laroque, 2012.

Foi nas Fotos do teatro que percebi que o vínculo com o teatro e a maneira de comunicação teatral tocou mais os Surdos. O Surdo se identifica com a linguagem corporal, a imaginação, o aspecto da interação.

Aprendi que o processo de identificação do Surdo acontece de forma inconsciente, por ele não utilizar a audição. Ele usa a vibração para perceber as coisas e com as mãos ele constrói o mundo, seus significados e a arte Surda. Quanto à perspectiva multicultural do Surdo, observei que o canal de informações é visual e sua Língua é visuo-gestual. Por isso, o teatro possibilita ao Surdo recriar mundos. O palco é o lugar que é liberado seus sentimentos frente ao mundo. A emoção de um aluno ao terminar de apresentar uma peça teatral me fez acreditar que ele pôs sentido e atribuiu um imenso valor ao que estava dramatizando. Parecia que ali estava a sua vida representada mais a perspectiva de pertencer a um grupo era evidentemente importante. O teatro é importante, desafiador e é onde o Surdo desdobra sentimentos e ideais.

**Foto 76** - O aluno Jorge se emociona após apresentação teatral, em julho/2012.



Fonte: Eunice Laroque, 2012.

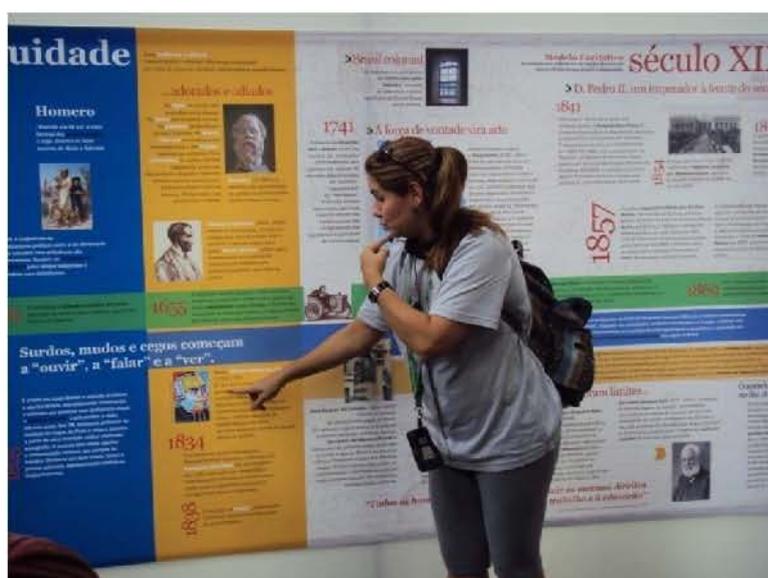
Já os Museus e as exposições museológicas (**Fotos 77 e 78**), muitas vezes não trazem imediatamente o Surdo para o encantamento. Ao chegar em uma exposição o Surdo já reconhece se vai ter interesse no exposto. A distância da linguagem formal das exposições é enorme em relação à forma como os Surdos se expressam. Na exposição visitada a disposição dos textos foi de difícil compreensão. O percurso foi feito de forma linear, com textos longos e complexos.

**Foto 77** - O percurso da exposição museal "Para Todos", em maio/2012.



Fonte: Eunice Laroque, 2012.

**FOTO 78** - Professora Marlei Tarragô sinalizando, em maio/2012.



Fonte: Eunice Laroque, 2012.

Os alunos organizaram as fotos em que a narrativa histórica, estava em segundo plano. Valorizaram o grupo dando ênfase para as professoras que explicavam tudo nos mínimos detalhes.

Ficou nítido que os alunos não visitariam o espaço museológico sozinhos. O destaque foi para a interpretação das professoras e o lindo passeio à Orla do Guaíba.

As diferenças culturais e, neste caso, as Comunidades Surdas, ainda são um segmento da sociedade que necessitam agendar visitas para poder se apropriar das narrativas expressas nos museus e nas exposições museais. Muitos Surdos são excluídos e outros dependentes de intérpretes para visitar centros culturais e isso, muitas vezes, é um impedimento importante que afasta esses sujeitos de se apropriarem da cultura musealizada. Ainda não compreendemos a Acessibilidade Surda e suas necessidades. Para quem pensa a Acessibilidade Surda em ambientes de cultura se faz necessário repensar formas expográficas e cuidados com os recursos visuais.

Os Surdos devem ser respeitados, ouvidos e é de direito a autonomia no acesso as informações e ao entendimento do conteúdo apresentado pelos museus e outros equipamentos de cultura.

Os alunos do noturno organizaram as Fotos da ida ao cinema. O enfoque foi para o grupo em frente à Casa de Cultura Mario Quintana. No espaço de espera frente à Sala P. F. Gastal e a confraternização de estarem naquele momento podendo usufruir de um lindo filme que tratava do cotidiano de uns adolescentes Paulistas.

**Foto 79** - Alunos e professores no cinema, em julho/2012.



**Fonte:** Eunice Laroque, 2012.

Ficou claro que o cinema encanta e não requer intérpretes porque o Sujeito Surdo consegue, muitas vezes ter autonomia. A escolha do filme requer atenção, porém o cinema é um entretenimento adorado pelos Surdos.

Já as atividades dos Jogos esportivos foram consideradas um motivo de confraternização para os Surdos. As imagens mostram que a participação deles como partícipes era muito importante. Aparece o grupo em primeiro plano e após os destaques para o sucesso do desempenho que tiveram nas provas esportivas.

Eles treinaram anteriormente com a professora e as suas expectativas estavam ali registradas, nas Fotos como valor de “prova”. Fui vencedor, ganhei medalhas, participei e representei a Comunidade Surda CMET Paulo Freire frente às outras comunidades de Surdos.

Essas Fotos foram examinadas em mais de um dia visto que ali não apareciam tão somente o grupo do CMET. Ali estavam amigos, futuros amigos, ex-colegas, enfim pessoas com histórias de vida semelhante a deles. O evento representava um momento em que o pequeno grupo de Surdos do CMET pertencia a uma comunidade em uma dimensão maior. Era um Povo Surdo reunido.

Como pesquisadora, tive a preocupação em não encapsular a história com interpretações fixas e definidas. Todo o registro Fotográfico tem uma intenção, porém, o meu foi disponibilizar possibilidades de leituras e também propiciar um rompimento de interpretações históricas lineares.

O QUE EU PENSO SÓ VEJO HOJE, NÃO É  
IGUAL AO QUE OCORRE DAQUI ALGUNS  
MESES, DIAS, HORAS...

## **6 RECORTANDO OLHARES: SIGNIFICÂNCIAS, SIGNIFICADOS NAS INTERRELAÇÕES CULTURAIS**

O problema histórico do Povo Surdo subsiste. O crucial para nós ouvintes é simplesmente transformar essa noção de que há uma única cultura, inclusive, entre o Povo Surdo e aventurar-se pelo espaço do que significa viver diferente, noutra cultura, do que significa a existência de uma fronteira da diferença cultural e apartar-se da inevitável inter-relação cultural. Que fronteiras são essas? Creio que a do respeito!

Os Surdos do CMET se organizam e constroem sua identidade e Cultura no entrosamento e na convivência social que é vivenciada na escola. Isso nos instiga a pensar na maneira como o “Homem” é capaz de perpassar fronteiras culturais e conseguir entender a cultura alheia. Os alunos demonstraram que as noções de identidade e de cultura estão vinculadas de acordo com as vivências dos sujeitos com o grupo, assim é oportuno enfatizar a importância e o papel das instituições de produção de conhecimento nos processos de socialização.

Por isso, o grupo é importantíssimo para que o indivíduo Surdo integre-se na Cultura Surda. Este grupo mesmo que tardiamente vem conquistando através da convivência escolar com outras pessoas Surdas, visto que sua inserção na Cultura Surda não foi a partir da experiência familiar. A maioria dos Surdos do CMET tem familiares ouvintes.

Sem os ouvintes compreenderem a Surdez, fica difícil a Cultura Surda atrair interesse das culturas dominantes. Chega-se o momento em que a Cultura Surda tem de ser negociada, em vez de negada, uma vez que se trata de sobrevivência. Essa é a estratégia do Povo Surdo. As narrativas surdas ainda estão cheias de exclusão, de opressão, de estereótipos. As Comunidades Surdas necessitam ser

ouvidas e por isso propus este trabalho. Tentei “ouvir” a Comunidade Surda CMET Paulo Freire através de imagens e na convivência diária.

Os museus e equipamentos culturais precisam repensar a inclusão. O principal pressuposto é ter presente que os Surdos escutam com os olhos, são visuais. Por isso visitas mediadas em grandes grupos são desconfortáveis, principalmente quando há ouvintes juntos. As falas transmitem vibrações e atrapalham a concentração do Surdo. As visitas aos equipamentos de cultura que são organizados com muitas falas que o interprete necessita sinalizar com velocidade, ao invés de serem mais visuais ficam prejudicadas, pois os Surdos necessitam prestar muito atenção a quem está sinalizando e acaba por ficar menos interessante. Considerar que o aspecto visual é o mais importante torna determinadas práticas de cultura mais interessantes que outras, porque elas tanto podem ser excludentes ou podem ser pensadas de forma inclusiva. A autonomia ao Surdo é fundamental. A dependência de uma pessoa estar o tempo todo explicando ao sinalizar faz com que ele se interesse menos, a não ser que a temática seja muito importante para ele. Jamais falar com os Surdos de costas, estar de frente para ele e olhando para outro lado ou conversar de perfil é desaconselhável. Por isso, é preciso levar em consideração que nem todos os Surdos conseguem ler os lábios, podendo fazer com que alguns, para não se constrangerem fingirem que entenderam o que foi oralizado, mas quando o Surdo encontra pessoas que sinalizam se sentem muito felizes e incluídos. Observei que os Surdos “escutam com os olhos”, por isso existem alguns fatores de respeito para com o Sujeito Surdo que devemos entender. O conhecimento sobre a Cultura Surda, suas peculiaridades e a disseminação da Língua de Sinais (LIBRAS) são de suma importância para a disseminação e inclusão dos Surdos nos lugares de cultura, pois o respeito à Língua é requisito fundamental para que os Surdos se sintam participes dos lugares de cultura.

Os indivíduos Surdos se constroem enquanto grupo para a reivindicação de direitos. Percebi questões que me fizeram refletir sobre como poderia esse grupo de Surdos tornarem-se Culturalmente Surdos se estão tardiamente se apropriando da sua linguagem. A Comunidade Surda de Porto Alegre se constituiu diante de organização e reivindicação de seu espaço na sociedade, mais os Surdos estudados tem vivências diferenciadas sobre a sua Surdez e esse fator é de suma importância para a compreensão da problemática e do motivo pelo qual há a necessidade de

inserir essa Comunidade em uma Escola Bilíngue só de Surdos. As diferentes formas como os Surdos observados se relacionam e vivenciam as diferentes formas de produção cultural estão interligadas com a cultura ouvintista que são estabelecidas no cotidiano escolar e contempladas nas formas de comunicação. Além disso, são evidentes as relações de sociabilidade com o mundo não Surdo através de alguns estarem vinculados e inseridos no mundo do trabalho.

A Escola Bilíngue para Surdos será uma conquista, uma construção e um processo que não poderá se restringir tão somente ao uso e domínio de duas línguas assumindo sua dimensão política, mas sim, deverá envolver debates centrais acerca das identidades, da cultura, das relações entre saber e poder, numa dimensão política. A Escola Bilíngue vem favorecer e reforçar a formação de cidadãos críticos e conscientes preparados para a vida com inserção autônoma na sociedade, reconhecendo a importância do seu papel, enquanto sujeito da história em que vive, impulsionando à tarefa de melhorar as condições da vida social. E o papel dos equipamentos de cultura é compreender as múltiplas Identidades Surdas vinculadas na História do Povo Surdo. A complexidade e a heterogeneidade identitária dos grupos culturais dos Surdos não admitem generalizações sobre o “Ser Surdo” e quais são suas necessidades, tudo está em constante transformação, especialmente as relações de poder. Entretanto, pode-se destacar que a luta por Educação Bilíngue, pedagogias visuais e a inserção de profissionais Surdos no processo educacional e nos equipamentos de cultura constituem a base para o desenvolvimento que possibilitará ampliar o campo do conhecimento dos Surdos. Educação e cultura não deverão estar em discussões paralelas, dissociadas, porque é evidente que a educação formal é que dá a base para o sujeito ler o mundo e gostar de conhecer “as culturas” e entendê-las.

Penso que se faz importante as reflexões que faço nesta pesquisa, porém, cabe salientar que aprendi a ver e entender através das vivências e da análise das fotografias que o tempo é algo que pode ser marcado e registrado mais não dominado. Através das fotografias podemos contar, vislumbrar, entender o tempo até no presente, nas formas de olhar e sonhar com um futuro que ainda não há registro, porém, a fotografia, neste momento, deixa evidências que o sentimento de pertencimento propicia novas possibilidades de significação do mundo.

Do analisado, do vivido, do construído nessa rica troca, resultado das relações estabelecidas entre nós, Comunidade Surda CMET Paulo Freire e eu, destaco alguns aspectos que possam funcionar como estímulo, como provocação para minha atuação como Museóloga:

É necessário compreender a História como possibilidade. Sonhar, acreditar, ter utopia, ser sujeito da História e promover a atuação de outros Sujeitos possibilita a construção e reconstrução de múltiplos patrimônios culturais, visando ao desenvolvimento social e ao exercício da cidadania;

Que as experiências e o fazer museológico possa produzir conhecimento e esteja, impregnado de vida, paixão, sonhos, troca, objetividade e subjetividade e em permanente abertura para avaliar os diferentes processos museais e para a autoavaliação.

O reconhecimento de que a Escola e os Museus são resultado da criação de um grupo, em constante reflexão, e, conseqüentemente em permanente transformação. Não há receitas prontas para o desenvolvimento de projetos com as comunidades, mesmo porque a Museologia, disciplina interpretativa é o resultado da permanente construção e reconstrução do conhecimento cultivado e experimentado. Entretanto, considero que a iniciativa de participar de um projeto como esse serviu como mola propulsora para o desenvolvimento da ação e da reflexão, essenciais, no sentido de transformar a realidade. Enfim, o aporte teórico aqui utilizado, embora não seja o único possível dentro dos Estudos Surdos, Museologia, Acessibilidade, mais foi fundamental para que eu pudesse compreender os desafios sobre o universo Surdo.

Programa de Pós- Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2002.

MENSCH, Peter Van. **O Objeto de Estudo da Museologia**. Tradução de Débora Bolsanello e Vânia Dolores Estevam de Oliveira. Rio de Janeiro: UNIRIO, 1994. 22 p. (Prétextos Museológicos, I).

MINAYO, M. C. O **Desafio do Conhecimento: Pesquisa Qualitativa em Saúde**, 4ª Ed. São Paulo – Rio de Janeiro: Hucitec/ ABRASCO, 1996

PERLIN, Gladis. O lugar da Cultura Surda. In: THOMA, Adriana da Silva; LOPES, Maura Corcini (Org.), **A Invenção da Surdez: Cultura, alteridade, Identidade e Diferença no campo da educação**, Santa Cruz do Sul, EDUNISC, 2004.

QUADROS, R. M. **Educação de Surdos: a aquisição da linguagem**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

RUDIO, Franz Victor. **Introdução ao projeto de pesquisa científica**. 36. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

SOARES, Brulon C. Bruno. **Quando o Museu Abre Portas e Janelas: O Reencontro com o Humano no Museu Contemporâneo**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós Graduação em Museologia e Patrimônio- PPG- PMUS, 2008.

SKLIAR, Carlos. **Surdez**. Porto Alegre: Editora Mediação, 1998.

SILVA, T. T. (Org) **Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.

STROBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a Cultura Surda**. Florianópolis: UFSC, 2008.

THIOLLENT, Michel. **Crítica metodológica, investigação social e enquete operária**. São Paulo: Vozes, 1982.

VARINE, Hugues de. **A Nova Museologia: ficção ou realidade**. Museologia Social. Porto Alegre: Unidade Editorial/ Secretaria Municipal de Cultura, 2000.

WILCOX, Sherman; WILCOX Phyllis Perrin. **Aprender a ver**. Rio de Janeiro: Editora Arara Azul, 2005.